

## A FILOSOFIA DA MAÇONARIA

**Palestra proferida sob os auspícios do Grão-Mestre de Massachusetts, no Templo Maçônico de Boston pelo Irmão Roscoe Pound, professor de jurisprudência na Universidade de Harvard**

*Publicado originalmente na revista The Builder Magazine Vol 1 números de 1 a 5 de 1915.*

### PRESTON, KRAUSE, OLIVER E PIKE

Filósofos não estão de acordo com relação ao escopo e assunto e matéria da filosofia. Nem os estudiosos maçônicos estão de acordo com o escopo e propósito da Maçonaria. Portanto, não se pode esperar definir e delimitar a filosofia maçônica de acordo com o método fácil do editor de *Dickens*, que escreveu sobre metafísica chinesa lendo na enciclopédia sobre a China e sobre a metafísica e combinando suas informações. Basta dizer desde o início, no sentido em que filósofos da Maçonaria usaram o termo, filosofia é a ciência de fundamentos.

Possivelmente, seria mais correto pensar na filosofia da Maçonaria como conhecimento maçônico organizado, como um sistema de conhecimento maçônico. Mas veio a haver um ramo bem definido da aprendizagem maçônica que tem a ver com certas questões fundamentais; e essas questões fundamentais podem ser chamadas de problemas da filosofia maçônica, já que esse ramo do aprendizado maçônico que trata deles tem sido chamado comumente a filosofia da Maçonaria. Essas questões fundamentais são três:

1. Qual é a natureza e o propósito da Maçonaria como instituição? Pois o que existe? O que ela procura fazer? É claro que para o filósofo isso envolve também e principalmente as perguntas, o que deveria ser a Maçonaria? Pois o que deveria existir? O que deveria buscar como fim?
2. Qual é, e isso envolve o que deveria ser, a relação da Maçonaria com outros seres humanos instituições, especialmente aquelas voltadas para fins semelhantes? Qual é o seu lugar em um esquema racional das atividades humanas?
3. Quais são os princípios fundamentais pelos quais a Maçonaria é governada na obtenção do fim que procura? Isso, novamente, para o filósofo, envolve a pergunta sobre o que aqueles princípios deveriam ser.

Quatro eminentes estudiosos maçônicos tentaram responder a essas perguntas e, assim, nos deram quatro sistemas de filosofia maçônica, a saber, **William Preston**, **Karl Christian Friedrich Krause**, **George Oliver** e **Albert Pike**. Destes quatro sistemas de filosofia maçônica, dois, se assim posso dizer, são sistemas intelectuais. Eles apelam para e são baseados apenas na razão. Esses dois são o sistema de **Preston** e o de **Krause**. Os outros dois são, se assim posso dizer, sistemas espirituais. Eles não fluem do racionalismo do século XVIII, mas brotam de uma reação em direção às idéias místicas dos filósofos

herméticos no século XVII. Como eu tentarei mostrar, isso é característico de cada um, embora muito mais marcado em um.

Resumidamente, então, temos quatro sistemas de filosofia maçônica. Dois sistemas são intelectuais: primeiro o de **Preston**, cuja palavra-chave é **conhecimento**; segundo, o de **Krause**, cuja palavra-chave é **moral**. Dois são sistemas espirituais: primeiro o de **Oliver**, cuja palavra chave é **tradição**; e segundo, o de **Pike**, cuja palavra-chave é **simbolismo**.

## **Preston**

Comparando os dois sistemas intelectuais da filosofia maçônica, a intrínseca importância de Preston é muito menor do que a de Krause. A filosofia de Krause da maçonaria tem um valor muito alto por si só. Por outro lado, o principal interesse na filosofia maçônica de Preston, além de sua posição histórica entre os maçons filósofos, deve ser encontrado na circunstância de que sua filosofia é a filosofia de nossas instruções americanas e, portanto, é o único com o qual o maçom médio americano adquire qualquer familiaridade.

Preston não era, como Krause, um homem antes de seu tempo que ensinava seu próprio tempo e o futuro. Ele era completamente um filho de seu tempo. Portanto, para entender seus escritos, devemos conhecer o homem e o tempo. Por conseguinte, vou dividir esse discurso em três partes: (1) o homem, (2) o tempo, (3) a filosofia maçônica de Preston como um produto dos dois.

1. O homem: William Preston nasceu em Edimburgo em 7 de agosto de 1742. Seu pai era escriturário ou advogado, um cargo inferior dos ofícios de um tribunal, e parece ter sido um homem com alguma educação e habilidade. A qualquer custo ele enviou William para o ensino médio em Edimburgo, cujo calibre naquela época pode ser julgado pela circunstância em que o garoto entrou aos seis anos, penso que ele tenha sido muito precoce. Na escola, ele fez alguns progressos em latim e até começou a estudar grego. Mas tudo isso foi em tenra idade. Seu pai morreu enquanto William era um mero menino e ele foi retirado da escola, aparentemente antes dos doze anos de idade. O pai dele deixou-o aos cuidados de Thomas Ruddiman, um linguista conhecido, e ele se tornou balconista deste último. Mais tarde Ruddiman enviou como aprendiz William a seu irmão, que era um editor, de modo que Preston aprendeu o ofício de gráfico quando tinha 14 ou 15 anos. Com a morte de seu patrono, aparentemente não tendo nada por herança de seu pai, Preston entrou na gráfica como aprendiz e trabalhou lá até 1762. Naquele ano, com o consentimento do mestre de quem ele tinha sido aprendiz, ele foi para Londres. Ele tinha apenas dezoito anos, mas carregava uma carta para a gráfica do rei, e assim encontrou prontamente. Ele permaneceu no emprego durante substancialmente todo o restante de sua vida.

As habilidades de Preston apareceram na gráfica desde o início. Ele não apenas executava as peças em que ele trabalhava, mas ele conseguia, de alguma maneira, lê-los e pensar sobre isso. Desde a criação, a grande variedade de matérias que chegavam à gráfica real, fez que ele adquirisse um estilo literário notável e tornou-se conhecido pelos autores cujos livros e escritos ele ajudou a estabelecer como juiz de estilo e crítico. Consequentemente,

ele foi feito leitor de provas e corretor para a imprensa e trabalhou como tal durante a maior parte de sua carreira. Ele trabalhou dessa forma nos escritos de Gibbon, Hume, Robertson e autores dessa classificação, e cópias de apresentação dos trabalhos desses autores, foram encontrados entre os feitos por Preston após sua morte, atestam o valor que eles atribuíram aos trabalhos da gráfica.

Preston não tinha mais do que a maioria quando foi iniciado maçom em uma loja de Escoceses em Londres. Esta Loja tentou obter uma carta da Grande Loja da Escócia, mas esse corpo se recusou a invadir o território de Londres, e os petionários escoceses se voltaram para a Grande Loja dos Antigos, para essa obtenção. Assim, Preston foi iniciado no sistema de seu grande rival, Dermott, este último foi inicialmente filiado a uma loja regular ou moderna. De acordo com o costume inglês que permite a associação simultânea em várias lojas, Preston tornou-se membro de uma loja subordinada à Grande Loja dos Modernos. Algo aqui o converteu e persuadiu a Loja em que fora iniciado para se separar dos Antigos e reconstituídos pelos chamados Modernos. Assim, ele lançou-se definitivamente com o último e mais reduto campeão. Lembre-se que Preston que fez tudo isso era um jovem de 23 anos e gráfico viajante.

Aos vinte e cinco anos, tornou-se Venerável Mestre de uma Loja recém-constituída e, como tal, concebeu seu dever fazer um estudo completo da instituição maçônica. Dele vale a pena citar as próprias palavras:

"Quando tive a honra de ser eleito mestre de uma loja, achei apropriado me informar completamente das regras gerais da fraternidade, para que eu possa cumprir meu próprio dever e impor oficialmente a obediência aos outros. Os métodos que eu adotei com essa visão, despertou em parte do conhecimento superficial uma absoluta aversão ao que eles consideravam inovações e, em outros que estavam melhor informados, um ciúme de preeminência que os princípios da Maçonaria deveriam ser verificados. A despeito desses desânimos, no entanto, perseverei em minha intenção".

De fato, não se pode imaginar que as pretensões desse gráfico de vinte e cinco anos fossem observados por maçons mais velhos. Mas, por enquanto, Preston teve que lidar com nada mais que balanços de cabeça. Ao contrário do acadêmico, filosófico, imperturbável, acadêmico Krause, Preston era um lutador. Provavelmente sua confiança e dogmatismo, que se mostra ao longo de suas palestras, sua agressividade e sua ambição fez mais inimigos do que as supostas inovações envolvidas em sua obra de pesquisa maçônica. Além disso, não devemos esquecer que ele teve que superar três problemas muito sérios, a saber, a dependência de seu pão diário de um trabalho de doze horas por dia, juventude e conexão recente com a fraternidade. Que Preston não era perseguido nesta fase de sua carreira e que ele conseguiu assumir a liderança como ele fez é um testemunho completo de suas habilidades.

Preston tinha três grandes qualificações para o trabalho que realizou: (1) Infatigável diligência, por meio da qual ele encontrou tempo e meios para ler tudo o que envolvia a Maçonaria depois de doze horas de trabalho em seu trabalho diário, seis dias na semana; (2) uma maravilhosa memória, da qual nenhum detalhe de sua leitura jamais escapou; e (3)

um grande poder de fazer amigos e alistar sua cooperação entusiástica. Ele utilizou esse último recurso abundantemente, correspondendo diligentemente todos com maçons bem informados no exterior e aproveitando todas as oportunidades para entrevistar maçons em casa. Os resultados desta comunicação com todos os maçons proeminentes de seu tempo deve ser vista em suas instruções.

Foi um passo ousado, mas mais oportuno, quando esse jovem Venerável Mestre de uma nova Loja determinado a reescrever ou melhor, escrever as palestras da Maçonaria Operativa. As antigas obrigações haviam sido lidas originalmente para o iniciado, e a partir daí cresceu uma prática de expor oralmente seu conteúdo e comentando os pontos importantes. Transformar isso em um sistema de instruções fixas e dar-lhes um lugar definido no ritual foi uma etapa necessária no desenvolvimento do trabalho. Mas foi um passo tão claro que a facilidade com que foi alcançado é tão impressionante quanto o resultado em si.

Quando Preston começou a composição de suas instruções, ele organizou uma espécie de clube, composto por seus amigos, com o objetivo de ouvi-lo e criticá-lo. Este clube costumava se reunir duas vezes por semana para transmitir, criticar e aprender a instrução como Preston a concebeu. Finalmente, em 1772, após sete anos, ele se interessou a apresentar aos Grandes Oficiais o seu trabalho e proferiu uma encenação, que aparece na primeira edição Ilustrações da Maçonaria, antes de uma reunião de maçons eminentes, incluindo os deveres dos Oficiais Principais. Após a entrega da encenação, ele expôs seu sistema ao encontro. Seus ouvintes aprovaram as palestras e, embora a sanção oficial não tenha sido dada imediatamente, o resultado deu a ele uma posição que assegurou seu grande sucesso. Seus discípulos começaram a ir de Loja em Loja entregando suas instruções e voltar às reuniões semanais com críticas e sugestões. Assim, em 1774, seu sistema estava completo. Ele então instituiu uma escola regular de instrução, que obteve a sanção da Grande Loja e, assim, difundiu suas instruções por toda a Inglaterra. Isso fez dele o maçom mais proeminente da época, de modo que ele foi eleito para a famosa Loja da Antiquidade, uma das quatro antigas lojas de 1717, e que reivindicou Sir Christopher Wren como um Past Master. Ele foi logo eleito Venerável Mestre desta loja e continuou por muitos anos, dando à loja um lugar de destaque na Maçonaria Inglesa, que mantém desde então.

A carreira maçônica de Preston, no entanto, não foi de triunfo ininterrupto. Em 1779, seus pontos de vista sobre a história e a jurisprudência maçônica o colocaram em conflito com a Grande Loja. É difícil chegar aos fatos exatos devido ao montante de controvérsias escritas sobre esta disputa. Esta disputa, conforme declarações, parece ter ocorrido pelos seguintes pontos: A Grande Loja tinha uma regra que proibia as Lojas de fazerem procissões públicas. A Loja da Antiquidade foi determinada no dia de São João, 1777, para ir em procissão à igreja de St. Dunstan, a poucos passos de sua sede. Alguns dos membros protestaram contra isso como infração ao governo da Grande Loja e, conseqüentemente, apenas dez participaram. Estes dez vestiram-se na sacristia da igreja, sentaram-se na mesma durante o culto e sermão e depois atravessaram a rua até a Loja trajando suas luvas e aventais. Esta ação deu origem a um debate na Loja na reunião seguinte, e no debate Preston expressou a opinião de que a Loja da Antiquidade, que era mais antiga que

a Grande Loja e participou de sua formação, possuía certos privilégios inerentes e que nunca havia perdido o direito de entrar procissão como havia feito em 1694 antes de haver qualquer Grande Loja. Até agora, a controvérsia pode nos lembrar das recentes diferenças entre o Ir Pitts e as Autoridades da Grande Loja em Michigan. Mas a autoridade da Grande Loja era muito recente e não podia ignorar essa doutrina mesmo que anunciada uma única vez pelo grande estudioso maçônico daqueles tempos. Por isso, por manter essa opinião, Preston foi expulso pela Grande Loja, e em consequência a Loja da Antiguidade cortou sua conexão com a Grande Loja dos Modernos e entrou em relações com a revivida Grande Loja de York. A ferida não foi curada até 1787.

Após o fim da controvérsia com a Grande Loja dos Modernos, Preston, foi restaurado a todas as suas honras e dignidades, retomou imediatamente suas atividades maçônicas. Entre outras coisas, ele organizou uma sociedade de estudiosos maçônicos, a primeira desse tipo. Era conhecida como a Ordem dos Harodim e incluía os mais ilustres Maçons da época. Preston ensinou suas instruções nesta sociedade, e através dela vieram para a América, onde são a base de nossas instruções sobre o ofício. Infelizmente com a União das Grandes Lojas Inglesas em 1813, suas instruções foram substituídas pelas de Hemming, as quais os críticos concordam em dizer serem muito inferiores. Mas Preston estava doente na época e parece não ter participado das negociações que levaram à União nem à própria União. Ele morreu em 1818, aos 76 anos, após uma doença prolongada. Uma vida diligente e frugal permitiu que ele descansasse com algum dinheiro e ele foi capaz de deixar 800 libras para usos maçônicos, 500 libras para a caridade dos maçons para os órfãos, por que, se viu órfão antes dos doze anos, tinha uma simpatia natural, e 300 libras para dotar a chamada conferência *prestoniana*, uma palestra anual da Instruções de Preston, literalmente, por um professor indicado pela Grande Loja. Esta palestra ainda continua e serve para nos lembrar que Preston foi o primeiro a insistir na precisão verbal que agora é uma característica de nossas instruções. Deve-se notar também que, além de suas palestras, o livro de Preston, *Illustrations of Masonry*, teve ótima influência. Passou por vinte edições na Inglaterra, quatro ou cinco na América, e duas na Alemanha.

Muito para o homem.

Agora quanto ao tempo.

Três características marcantes dos três primeiros quartos do século XVIII na Inglaterra é importante para uma compreensão da filosofia da Maçonaria de Preston: (1) Foi um período de quietude mental; (2) na Inglaterra e em outros lugares, foi um período de refinamento formal; (3) era a chamada idade da razão, quando o intelecto foi considerado auto-suficiente e os homens tinham certeza de que o conhecimento era uma panaceia.

1. Em contraste com o século XVII, o século XVIII foi um período de quietude. A sociedade deixou de estar em um estado de ebulição furiosa, nem havia um conflito de idéias manifestamente irreconciliáveis como no passado. Na superfície havia harmonia. É verdade que, como mostraram os eventos do final do século, foi uma harmonia de compromisso e não de reconciliação, uma trégua, não uma paz. Os homens pararam por um tempo de discutir sobre os fundamentos e voltaram sua atenção aos detalhes. Uma filosofia teológica

comum foi aceita por homens que denunciaram um ao outro de coração por diferenças relativamente triviais de opinião. Na política, Whig e Tory tornaram-se pouco mais que nomes, e ambas as partes concordaram em aceitar, com pouca modificação, o corpo de doutrina posteriormente conhecido como os princípios da Revolução Inglesa. Ideias políticas foram corrigidas. Homens concebidos de um pacto social dos quais todos os detalhes dos direitos e deveres sociais e políticos podem ser deduzidos, raciocínio abstrato e acreditava que era possível, dessa maneira, elaborar um modelo de código para o legislador, uma pedra de toque da lei sólida para o juiz e um guia infalível de conduta privada para o indivíduo. Na literatura e na arte havia um tipo aquiescência em cânones aceitos. Supunha-se que um certo estilo clássico seria o modo de expressão final e o único permitido. Em outras palavras, aquiescência foi a tendência dominante e finalidade foi a idéia dominante. Por exemplo, Blackstone, um verdadeiro representante do século, pensava complacentemente da lei e sistema de seu tempo, com sua pesada carga de arcaísmos, quase madura para o movimento legislativo de reforma da próxima geração, como substancialmente perfeito. Então ele foi deixado para a conclusão de quinhentos anos de desenvolvimento jurídico, mas para consertar alguns detalhes triviais. No mesmo espírito de finalidade, os autores de nossas contas se comprometeram a traçar gráficos legais e políticos de todos os tempos. De fato, a filosofia jurídica de nossos livros didáticos, que causou muitos problemas para a sociedade de reformadores de ontem e de hoje, fala do século XVIII. Neste espírito final, com a mesma confiança de que seu tempo tinha a chave da razão e poderia pronunciar de uma vez por todas, para sempre, para todo lugar e para todas as pessoas, Preston enquadrando os discursos dogmáticos que nos contentamos em tomar como instruções da Maçonaria.

2. Para o mundo moderno, o século XVIII foi por excelência o período do formalismo. Foi o período do super refinamento formal em todos os ramos de atividade. Era a era do verso formal e da dicção heróica, de uma escola clássica de arte que perdeu de vista o espírito ao reproduzir as formas da antiguidade, de elaborada etiqueta judicial envolvida, de diplomacia formal, da burocracia e da circunlocução em todas as partes da administração, de táticas militares formais nas quais eficiência no campo cedeu às exigências do desfile e os soldados entravam no campo vestido para a sala de baile. Nossa insistência na letra perfeita, fonográfica a reprodução do ritual vem desse período, e Preston fixou essa ideia em nossas instruções, talvez para todo o sempre.

3. A terceira circunstância, de que o século XVIII era puramente a era da filosofia intelectualista e determinou naturalmente a filosofia da Maçonaria de Preston. Naquela época, a razão era a ideia central de todo pensamento filosófico. Conhecimento era considerado como o solvente universal. Por isso, quando Preston descobriu em suas antigas instruções que entre outras coisas, a Maçonaria era um corpo de conhecimento e descobriu a história antiga do conhecimento e de sua transmissão da antiguidade, foi inevitável que ele fizesse do conhecimento o ponto central do seu sistema. Isso é completamente evidente hoje em nossas instruções americanas de Companheiro de Ofício que, com todos os resumos a que foi submetida, ainda é essencialmente prestoniana. O tempo não é o bastante para ler Preston em sua proximidade retórica original. Mas alguns exemplos da versão de Webb, que neste momento é apenas uma abreviação, servirá para

tornar o ponto. As citações são de um **Monitor Webb** (*equivalente ao ritual para os Americanos*), mas foram comparados em cada caso com uma versão autêntica de Preston.

*“Os globos são dois corpos esféricos artificiais, cuja superfície convexa representava os países, mares e várias partes da terra, e a face dos céus, as revoluções planetárias e outros detalhes.”*

*“A esfera, com as partes da terra delineadas em sua superfície, é chamada de Globo Terrestre; e a com as constelações e outros corpos celestes, o Globo Celeste.”*

*“O principal uso dos globos, além de servir como mapas para distinguir as partes da Terra e a situação das estrelas fixas, é para ilustrar e explicar os fenômenos decorrentes da revolução anual e da rotação diurna da Terra em torno de seu próprio eixo. Eles são os instrumentos mais nobres para melhorar a mente dando a ideia mais distinta de qualquer problema ou proposição, além de permitir resolver o mesmo.”*

Tem sido frequentemente apontado que esses globos nos pilares são anacronismos puros. Eles se devem ao desejo de Preston de fazer com que as instruções maçônicas ensinassem astronomia, que naquele momento era a ciência dominante.

Observe particularmente o propósito, conforme a palestra estabelece expressamente: *“para melhorar a mente e por dar a ideia mais distinta de qualquer problema ou proposição, bem como permitindo que ele resolva o mesmo”*.

Em outras palavras, esses globos não são simbólicos, não são projetados para fins morais. Eles repousam sobre os pilares, grotescamente deslocados, simples e unicamente para ensinar a loja os elementos da geografia e astronomia.

Devemos lembrar que Preston, que trabalhou doze horas por dia definindo tipos ou lendo a prova, isso seria muito diferente do Maçom de hoje. O que são os lugares comuns da ciência agora não eram, de modo algum, propriedade geral. Para ele ensinar os globos era um assunto perfeitamente sério.

Veja a solene dissertação sobre arquitetura em nossa instrução de Companheiro de Ofício. Como vemos é um texto de Preston não adulterado, mas felizmente costuma ser muito abreviado. Você sabe como são executadas, como descrevem em detalhes, fornece as proporções, informa a qual foi anexada uma crítica artística e expõe a lenda da invenção do Ordem Corinthia por Callimachus. A base para tudo isso está nas Old Charges. Mas nas mãos de Preston, tornou-se simplesmente um tratado de arquitetura. O maçom que a ouvir repetidamente se tornaria um homem instruído. Ele sabia que o homem educado deve saber sobre as ordens da arquitetura.

Do mesmo modo, ele nos dá um resumo de Euclides:

*“A geometria trata das potências e propriedades das magnitudes em geral, onde comprimento, largura e espessura são consideradas, de um ponto a uma linha, de uma*

*linha a uma superfície e de superfície a um sólido. Um ponto é uma figura sem dimensão ou uma parte indivisível do espaço. Uma linha é um ponto continuado e uma figura de uma capacidade, ou seja, comprimento. Superfície é uma figura de duas dimensões, a saber, comprimento e largura. Um sólido é uma figura de três dimensões, a saber, comprimento, largura e espessura."*

Mas chega disso. Você viu o modelo. Ao tornar as palestras epítomes de todos os grandes ramos de aprendizado, a Loja Maçônica pode ser feita uma escola na qual todos homens, antes dos dias de escolas públicas e universidades abertas, poderiam adquirir conhecimento, pelo qual somente eles poderiam alcançar todas as coisas. Se todos os homens tivessem conhecimento, então Preston pensava que todos os problemas humanos e sociais seriam resolvidos. Com conhecimento sobre o qual proceder dedutivamente, a razão humana evitaria a necessidade de governo e força, e uma era de perfeição estaria próxima. Mas aqueles eram os dias de escolas dotadas que não eram para muitos. O solvente inestimável, estava fora do alcance da corrida comum dos homens que mais precisavam. Portanto, para Preston, em primeiro lugar e acima de tudo, a ordem maçônica existia para propagar e difundir conhecimento. Para esse fim, portanto, ele aproveitou a oportunidade oferecida pelas instruções e buscou, por meio delas, desenvolver de maneira inteligente todo o conhecimento de seu tempo.

Agora que o conhecimento se tornou muito vasto para ser incluído em qualquer instrução, os defeitos desse esquema são óbvios o suficiente. Que essa era a concepção de Preston, pode ser mostrado abundantemente em suas palestras. Por exemplo:

*"Cheirar é o sentido pelo qual distinguimos odores, os vários tipos de transmitir opiniões diferentes para a mente. Corpos animais e vegetais e, de fato, muitos outros corpos, enquanto expostos ao ar, enviam continuamente eflúvios de vastas sutilezas, bem como no estado de vida e crescimento, como no estado de fermentação e putrefação. Esses eflúvios, sendo arrastados para as narinas junto com o ar, são os meios pelos quais todos os corpos são cheirados".*

Essa parte da física do século XVIII, que nos faz sorrir hoje, ainda é recitado em muitas de nossas Lojas como se tivesse alguma importância real ou simbólica. Isto significa simplesmente que Preston estava se esforçando para escrever uma cartilha de fisiologia e de física.

Ele afirma sua teoria expressamente nas seguintes palavras:

*"Na mente, todo o nosso conhecimento deve depender; portanto, o que pode ser o mais apropriado assunto para a investigação dos maçons? Por dissecação anatômica e observação, familiarizar-se com o corpo; mas é apenas pela anatomia da mente que descobrimos seus poderes e princípios".*

Ou seja: Todo conhecimento depende da mente. Portanto, o maçom deve estudar a mente como o instrumento de aquisição de conhecimento, a única coisa necessária.



Hoje, isso parece uma concepção estreita e inadequada. Mas a base de tal filosofia da Maçonaria é perfeitamente clara se lembrarmos do homem e do tempo. Nós devemos pensar nessas palestras como o trabalho de um tipógrafo, o filho de um pai educado, mas tirado da escola antes dos doze anos e condenado a pegar o que podia dos manuscritos que ele montou na Loja ou por trabalho incansável à noite após um dia inteiro de trabalho. Devemos pensar neles como obra de um trabalhador, principalmente autodidata, associado aos grandes literatos da época que ele conheceu através da preparação de seus manuscritos para a imprensa e leitura de suas provas, e assim preenchidos com seu entusiasmo pela iluminação naquilo que os homens pensavam ser a idade da razão. Devemos pensar neles como obra de alguém imbuído das noções cardeais da época intelectualismo, toda a suficiência da razão, a necessidade absoluta de conhecimento como base na qual a razão prossegue e finalidade

Como, então, Preston responde aos três problemas da filosofia maçônica?

1. Para que existe a Maçonaria? Qual é o seu fim e o objetivo? Preston responderia: difundir a luz, isto é, espalhar o conhecimento entre os homens. Isso pode-se dizer, é o fim próximo. Ele pode concordar com Krause que o objetivo final é aperfeiçoar os homens e torná-los melhores, mais sábios e conseqüentemente mais felizes. Mas o meio de alcançar essa perfeição, dizia ele, é a difusão geral do conhecimento. Por isso, ele diria, acima de tudo, que a Maçonaria existe para promover o conhecimento; o Maçom deveria antes de tudo cultivar sua mente, deveria estudar as artes liberais e ciências; ele deveria se tornar um homem instruído.

2. Qual é a relação da Maçonaria com outras atividades humanas? Preston não responde esta pergunta diretamente em qualquer lugar em seus escritos. Mas podemos concluir que ele teria dito algo assim: O estado procura tornar os homens melhores e mais felizes preservando a ordem. A igreja busca esse fim cultivando a moral pessoal e mantendo as sanções sobrenaturais de fundo. A Maçonaria se esforça para melhorar os homens e fazê-lo mais feliz, ensinando-os e difundindo conhecimento entre eles. Isso, tenha em mente, era antes que a educação das massas se tornasse uma função do estado.

3. Como a Maçonaria procura alcançar seus propósitos? Quais são os princípios pelos quais se orienta em alcançar seu fim? Preston responde que, tanto por símbolos quanto por instruções, o maçom é (primeiro) advertido a estudar e adquirir aprendizado e (segundo) ensinar realmente um sistema completo de conhecimento organizado. Temos suas próprias palavras para essas duas idéias. Quanto ao primeiro, em seu sistema, tanto as instruções quanto às obrigações reiteram. Por exemplo: *"O estudo das artes liberais, aquele ramo valioso da educação que tende tão efetivamente a polir e adornar a mente é sinceramente recomendado para sua consideração."* Mais uma vez, observe como ele se debruça sobre as vantagens de cada arte ao expô-la:

*"A gramática ensina o arranjo adequado de palavras de acordo com o idioma ou dialeto de qualquer pessoa em particular, e a excelência da pronúncia que nos permite falar ou escrever um idioma com precisão, de acordo com o raciocínio e o uso correto. A retórica nos ensina a falar copiosa e fluentemente sobre qualquer assunto, não apenas com*

*propriedade, mas com todas as vantagens de força e elegância, sabiamente planejando cativar o ouvinte pela força do argumento e pela beleza da expressão, seja para implorar e exortar, a admoestar ou aplaudir."*

Quanto à segunda proposição, um exemplo será suficiente:

*"Ferramentas e implementos de arquitetura são selecionados pela fraternidade para imprimir na memória verdades sábias e sérias."*

Em outras palavras, o objetivo até mesmo dos símbolos é ensinar verdades sábias e sérias. A palavra sério aqui é significativa. É palpável um golpe contra aqueles de seus irmãos que estavam inclinados a ser místicos e a se envolver com o que Preston considerava o vazio jargão dos filósofos herméticos.

Finalmente, para mostrar sua estimativa do que ele estava fazendo e, portanto, o que, em sua opinião, Instruções Maçônicas devem ser, ele diz a si mesmo de sua palestra de Companheiro de Ofício: "Esta palestra contém um sistema regular de ciência [observe que a ciência significava conhecimento] demonstrado com os princípios mais claros e estabelecido com base mais firme".

Não é preciso dizer que não podemos aceitar a filosofia **prestoniana** da Maçonaria como suficiente para os maçons de hoje. Muito menos podemos aceitar os detalhes ou mesmo a estrutura geral de seu ambicioso esquema para expor todo o conhecimento e estabelecer um esboço completo de uma educação liberal em três palestras. Não precisamos nos perguntar que a filosofia maçônica fez tão pouco progresso na Maçonaria Anglo-Americana quando refletimos que é sobre isso que fomos criados e que é tudo o que a maioria dos Maçons já ouviram falar. Ele vem com uma sanção oficial que parece impedir a investigação, e esquecemos o objetivo disso em seus detalhes obsoletos. Mas eu suspeito que fazemos a Preston uma grande injustiça ao preservar os termos literais das palestras à custa de suas ideias fundamentais. Nos dias dele, eles ensinaram, hoje eles não ensinam. Suponha que hoje um homem com a diligência incansável de Preston tente um novo conjunto de instruções que deveriam unificar o conhecimento e apresentar seus elementos essenciais para que o homem comum possa compreendê-los. Para usar as palavras de Preston, suponha que foram feitas instruções, como resultado de sete anos de trabalho e cooperação de uma sociedade de críticos, que estabelece um sistema regular de conhecimento moderno demonstrado com os princípios mais claros e estabelecido com fundamentação mais firme. Suponha, se você quiser, que isso estivesse confinado simplesmente ao conhecimento de Maçonaria. Não seria verdadeira a ideia de Preston (em uma época de escolas públicas) de que a Loja, além da apresentação dos nossos ofícios dos cargos atuais, seja um centro de iluminação que se justifica por seus resultados?

Deixe-me dar dois exemplos. Nos dias de Preston, havia uma necessidade geral, da qual Preston havia sofrido, de educação popular, de fornecer os meios pelos quais o homem comum poderia adquirir conhecimento em geral. Hoje não há necessidade menos geral de um tipo especial de conhecimento. A sociedade está fortemente dividida em classes que entendem um ao outro não muito bem e, portanto, estão ficando totalmente fora de

simpatia. Que mais nobre Instrução Maçônica, poderia haver mais do que uma, que ocupasse a base da ciência social e comprometeu-se a espalhar um conhecimento sólido sobre todos os maçons? Suponha tal palestra foi composta, como foram as palestras de Preston, foi testada pela entrega de loja após loja, como ele era, e depois de críticas e reformulações como resultado de anos de trabalho, foi ensinada a todos os nossos mestres. Nossas lojas não difundiriam uma luz real na comunidade e dariam um grande passo em frente em seu trabalho de promover a perfeição?

Mais uma vez, apesar do que está acontecendo no momento no continente, esta é uma era de universalidade e internacionalidade. O mundo do pensamento tende a insistir fortemente ao romper fronteiras locais estreitas e ao olhar para coisas de um mundo inteiro como ponto de vista. Arte, ciência, economia, trabalho e organizações fraternas, e até o esporte tende a se tornar internacional. A crescente frequência de congressos e conferências internacionais sobre todo tipo de assuntos enfatizam essa quebra de laços políticos locais. O movimento sociológico, em todo o mundo, faz com que os homens tenham uma visão mais ampla e mais humana, está fazendo com que pensem mais a sociedade e, portanto, mais da sociedade mundial, está fazendo com que eles concentrem sua visão menos sobre o indivíduo e, portanto, menos sobre a localidade individual.

Nesse movimento mundial em direção à universalidade, os maçons deveriam assumir a liderança. Mas quanto o ocupado Mason sabe, e muito menos pensa, do movimento por internacionalidade ou mesmo o movimento pacifista que vem avançando todos sobre ele? No entanto, todo maçom deveria saber essas coisas e levá-las ao coração. Toda Loja deve ser um centro de luz a partir do qual os homens saem cheios de novas idéias de justiça social, justiça cosmopolita e internacionalidade.

Preston, é claro, estava errado, o conhecimento não é o único fim da Maçonaria. Mas de outra maneira, Preston estava certo. O conhecimento é um fim pelo menos um fim próximo e não é o menor daqueles pelos quais a perfeição humana deve ser alcançada. Os erros de Preston foram os erros de seu século, o erro de fé na finalidade do que era conhecido naquela época, e o erro de considerar a apresentação formal correta como um método sólido de instrução. Mas o que deve ser dito sobre o maior erro que hoje, quando recitamos suas instruções tosquiadas e abreviadas, até que signifiquem nada para o ouvinte, e gravemente apresentando-os como um sistema de conhecimento maçônico? Tenha em mente, ele pensou neles como apresentando um esquema geral de conhecimento, não como um sistema de informação puramente maçônica. Se fôssemos governados por seu espírito, entenderíamos a idéia raiz de sua filosofia e tivéssemos apenas metade de seu zelo e diligência, certamente poderíamos fazer nossas instruções e através delas nossas Lojas uma força real na sociedade. Aqui, de fato, devemos encontrar as justificativas e as formalidades de que as lojas estão cheias, e ser taxados de inovação. Mas Preston foi chamado de inovador. E ele era um no sentido de colocar novas instruções no lugar das velhas leituras das constituições góticas. Preston encontrou os mesmos detalhes e os mesmos formalistas e escreveu nossas instruções apesar de tudo. Eu odeio pensar que toda iniciativa desapareceu da nossa ordem e que nenhum novo Preston surgirá para retomar sua concepção de conhecimento como um fim da fraternidade e presenteie aos maçons de hoje o conhecimento que eles deveriam possuir.

## Krause

Exceto quando ele se baseia nas Old Charges e usa materiais mais antigos, Preston fala tão completamente a partir do século XVIII que é preciso entender o pensando na Inglaterra do século XVIII para apreciá-lo plenamente. No caso do nosso próximo filósofo maçônico, há outra história. Ele estava na principal corrente do pensamento filosófico de sua época. Mas essa corrente, junto com a corrente maçônica, penso, estava fluindo sem interrupções a partir do século XVII. Portanto, para avaliar sua filosofia de Maçonaria, não basta considerar o homem e o tempo. Devemos começar mais para trás.

O início do século XVII foi um período de grande atividade intelectual. O despertar da Reforma trouxe uma era de novas religiões e vigoroso pensamento. Ideias políticas que prenunciam as do décimo oitavo e décimo nono séculos estavam tomando forma. A queda do escolasticismo libertou a filosofia de Aristóteles. Grotius estava prestes a emancipar a Jurisprudência da Teologia. Conring estava prestes a entregar a Lei de Justiniano. Em consequência, uma nova teoria do direito e governo surgiu. Os homens voltaram aos juristas romanos clássicos e sua lei da natureza fundamentada na razão, aplicável aos homens, não como cidadãos, nem como membros de uma sociedade civilizada, mas simples e unicamente como homens, e a escola filosófica que resultou e se manteve durante os dois séculos seguintes, produziu uma grande sucessão de artigos, que criaram o sistema de direito internacional, lançou o crescente movimento para a humanidade na guerra e na paz suprema, e estimulou esse interesse pela filosofia jurídica e política, da qual as idéias democráticas do nosso tempo, e a humanização e racionalização do direito no século XIX, deveriam ser os frutos. O renascimento da Maçonaria, completo no século seguinte, teve suas raízes nesse período. "Sempre houve", diz Sir Henry Maine, "uma estreita associação entre a Lei Natural e a humanidade. "Nesse tempo, com o próprio ar cheio de idéias da humanidade, fraternidade e das reivindicações racionais da humanidade, a noção de organização de todos os homens, para o bem-estar geral da humanidade, deveriam ser procurados. Pode ser visto, de fato, nos primeiros anos do século; e não precisamos duvidar que os escritos de Andreae e a conhecida controvérsia rosacruz foram mais um sintoma do que uma causa. Mas a ideia demorou a atingir sua maturidade. No século dezessete, lutou sob uma carga de alquimia e misticismo, legado a ela por uma obsoleta era de ignorância e superstição. No século XVIII, foi retardado por absorver o interesse pela filosofia política. Por isso, não foi até a primeira década do século XIX, que as possibilidades dessa nova fase do pensamento foram percebidas inteiramente. Então, pela primeira vez, a ideia de organização geral da humanidade foi tratada no método científico, referiu-se a um fim definido e fez parte de um sistema filosófico de atividades humanas. Talvez nenhum tema melhor possa ser escolhido como uma introdução à filosofia maçônica, que a vida e obra desse eminente homem e Maçom, em seu tempo, ao mesmo tempo o primeiro dos filósofos maçônicos e o principal dos filósofos da lei, que prestou esse serviço à humanidade e ao Ofício.

Karl Christian Friedrich Krause, um dos fundadores da nova literatura maçônica, e fundador de uma escola de pensamento jurídico, nasceu em Eisenberg, não muito longe de Leipzig, em 1781. Ele foi educado em Jena, onde lecionou por algum tempo, até que, em 1805, ele

foi transferido para Dresden. Nesse mesmo ano, ele se tornou maçom; e de uma só vez, com energia característica e entusiasmo, ele entrou em um processo crítico e filosófico de estudo da instituição, lendo todas as obras maçônicas acessíveis. Como resultado de seus estudos, ele fez doze palestras em sua Loja em Dresden, que foram publicadas em 1809, sob o título: *"Höhere Vergeistigung der Echtergelieferten Grundsymbole der Freimaurerei"*, ou *"Espiritualização Superior dos Verdadeiros Símbolos da Maçonaria."* Um ano depois, ele publicou o primeiro volume de sua grande obra, *"Die Drei Aeltesten Kunsturkunden der Freimaurerbruderschaft"* ou *"Os três mais antigos Registros Profissionais da Fraternidade Maçônica"*. Este livro, nas palavras do Dr. Mackey, é *"um dos mais instruídos que já saiu da imprensa maçônica"*, lamentavelmente caiu em tempos difíceis. Os limites da discussão pública permitida sobre símbolos maçônicos eram incertos, e a liberdade do maçom interpretá-los de modo individual para si próprio, como expôs tão eloquentemente por Albert Pike, não foi totalmente concedido pelos os maçons alemães daquela época. Em consequência, ele conheceu o destino que acometeu muitos dos grandes estudiosos da Arte. O nome dele, ainda mais que o de Preston, Dalcho, Crucefix e Oliver, nos alertam que a ignorância honesta, o fanatismo zeloso e a intolerância bem-intencionada encontram-se mesmo entre os sinceros e os fraternos buscadores da luz. O próprio boato do livro de Krause produziu grande agitação. Foram feitos esforços extraordinários para impedir sua publicação e, quando falharam, o zelo equivocado de seus contemporâneos foi exercido para expulsá-lo da ordem. Não apenas ele foi expulso por sua loja, mas também a perseguição à qual suas publicações maçônicas deram origem, impediram a ele receber o reconhecimento público, pela vida inteira, da posição que ocupava entre os pensadores de seu tempo. Foi dito, de fato, que ele estava adiantado demais para ser completamente compreendido para além de um pequeno círculo de amigos e discípulos. No entanto, parece não haver dúvida de que a amargura gerada pelas controvérsias maçônicas sobre seu livro foi fundamental para impedi-lo de obter um cargo de professor. Felizmente, ele era um homem que não cedia à perseguição ou ao infortúnio. Como o poeta, ele poderia ter dito: *"Não procuro boa sorte, sou eu mesma boa sorte."*

Sem se deixar intimidar pelo mal entendido de seus ensinamentos, sem se abalar com o aparente sucesso de seus esforços, ele trabalhou constantemente, como professor na Universidade de Goettingen, no desenvolvimento e disseminação do sistema político legal e filosofia política da qual sua fama é derivada. Roeder registrou a profunda impressão que suas palestras deixaram sobre os ouvintes e a opinião comum o colocou muito acima das mediocridades respeitáveis que possuíam cátedras na instituição, onde ele era um docente simples. Ao lermos os relatos de seu trabalho como professor, e virar as páginas sinceras, devotas e tolerantes de seus livros, cheias de fé e zelo na perfeição do homem descobrindo e promovendo as condições do progresso humano, precisamos sentir que aqui estava alguém preparado em seu coração e feito por natureza, da qual nenhum julgamento de uma loja poderia nos dividir permanentemente. Ele morreu em 1832, com a idade relativamente precoce de 51 anos.

Krause não nos deixou uma exposição completa ou sistemática de seu sistema filosófico. Nem se pode dizer que ele alcançou grande parte do momento no campo da filosofia em geral, embora alguns historiadores da filosofia lhe concedam um notável lugar. Antes nos campos especiais da filosofia da Maçonaria, para os quais ele dedicou o entusiasmo da

juventude e da filosofia do direito, para o qual ele voltou energias mais maduras, que ele será lembrado. Neste último campo, de fato, ele ainda é uma força. Dois discípulos capazes e zelosos, *Ahrens* e *Roeder*, trabalharam por mais de uma geração em expor e espalhar suas doutrinas. O grande trabalho de *Ahrens*, publicado cinco anos após a morte de seu mestre, passou por vinte e quatro edições, em sete idiomas. Assim, Krause tornou-se reconhecido como o fundador de uma escola de direito e filósofos políticos e seus seguidores, não apenas por escritos, mas por reuniões e congressos, desenvolveu e disseminou suas ideias. Até a ascensão dos militares no espírito na Alemanha e a mudança do ponto de crescimento da lei alemã para a legislação, produziu uma nova ordem de idéias, a influência de suas doutrinas era quase dominante. Fora da Alemanha, especialmente em países onde a filosofia do direito ainda era um campo virgem, ele ainda teve um futuro útil e frutífero, e ele tem sido pronunciado como "líder do maior e mais recente pensamento" na esfera da filosofia do direito. Em vista dos movimentos sócio-filosóficos e sociológicos das últimas gerações, essa caracterização não é mais precisa. Mas é verdade que até a ascensão dos grandes nomes da escola sócio-filosófica do pensamento jurídico na década passada, Krause era o maior nome da filosofia jurídica moderna. Seu ótimo trabalho maçônico foi desfigurado pela voracidade da crítica, característica dos escritores maçônicos até um período muito recente, o que o levou a dar uma credibilidade sem hesitação a tradição e aceitar, como genuíno, documentos de autenticidade duvidosa, ou até fabricação inferior direita. Daí suas investigações históricas e filológicas, nas quais ele examina minuciosamente o chamado *Manuscrito Leland*, a *Instrução do Aprendiz Admitido* e as chamadas *Constituições de York*, bem como sua dissertação sobre a forma de governo e administração na ordem maçônica, deve ser lido com cautela e com muitas licenças por excesso de credulidade. Mas apesar dessas manchas, e infelizmente elas desfiguram uma porção muito grande da literatura histórica e crítica da sua Obra, seus escritos maçônicos são inestimáveis.

Numa época e entre um povo do século XIX em que a indiferença sobre a filosofia é excepcionalmente forte e ameaça privar Lei e Governo, Jurisprudência e Política de todas as bases, exceto o capricho popular, um estudo que coloca-os em um terreno mais seguro e duradouro, que busca direcioná-los para um local definido e dar-lhes trabalho definido em um esquema geral do progresso humano, não pode deixar de ser a tônica. Para os maçons, no entanto, o sistema de filosofia jurídica de Krause tem um valor mais e mais alto. Não é apenas que seus trabalhos sobre a filosofia da lei, escrito, em sua maior parte, após seu período de pesquisa e autoria maçônica estava finalizado, nos oferece, em muitos momentos, exemplos memoráveis das possibilidades práticas dos estudos maçônicos. Também não é meramente que ele impõe vigorosamente as aplicações sociais, políticas e legais dos princípios de nossas instruções. Sua grande conquista, seu principal título para nossa gratidão duradoura, é a teoria orgânica do direito e do estado, que ele desenvolve no século XVII a noção de organização geral da humanidade em uma doutrina prática, procura unir o estado com todos os outros grupos e organizações, altos ou baixos, quaisquer que sejam o escopo ou objetivo imediato, em um sistema harmonioso de atividades masculinas, e o objetivo de nossa irmandade mundial na linha de batalha do progresso humano. Permitam-me que indique a você alguns dos pontos principais de sua obra maçônica e de sua filosofia jurídica e a relação de uma com a outra.

A lei é apenas *"o esqueleto da ordem social, revestido pela carne e sangue da moralidade"*. Entre os povos primitivos, não passa de um artifício para manter a paz, e regular, na medida do possível, o remédio arcaico da guerra privada. Com o tempo levado pelo Estado é capaz de reprimir a violência, onde originalmente não poderia mais longe do que limitá-lo. Feito isso, pode aspirar a um fim melhor e procurar não apenas preservar a ordem, mas fazer justiça. Até agora, chegou o momento. Mas além de tudo isso, diz Krause, há um objetivo mais alto e mais nobre, que ele diz ser, *"a perfeição do homem e da sociedade."* A lei, isoladamente, não é de forma alguma adequada a essa tarefa, é uma das muitas agências que operam harmoniosamente, cada uma na sua própria esfera, em direção a esse grande fim. O estado organiza e exerce apenas uma delas. Moral, religião, ciência, artes, indústria e comércio, sem exceção, trabalham juntas e devem ser organizados também. Mas o estado, ou a organização política, sendo encarregada de manter o desenvolvimento da justiça, tem a função especial de assegurar às demais formas de atividade humana organizada meios de se aperfeiçoar. Ela deve *"mediar entre o indivíduo e o destino social"*. Portanto, é apenas um órgão em todo o organismo social. Ele olha para a sociedade humana como um organismo, composto por diversas instituições, cada uma relacionada a uma fase importante da vida humana, e todas destinadas, em uma época de maturidade, a compor uma unidade superior. Relativamente, elas são independentes. Em uma visão mais ampla e olhando no resultado final, elas são partes de um único mecanismo. Todas operam em uma direção e com um fim, a conquista do destino da humanidade, que é a perfeição. Nem é essa especulação ociosa. Krause procura animar essas várias fases da atividade humana, essas instituições variadas evoluíram como órgãos do corpo da sociedade, com um novo espírito. Ele nos impressiona que não estamos em declínio, mas sim em um período de juventude. A humanidade, ele insiste, está apenas começando a adquirir a consciência de seu objetivo social. Conhecendo seu objetivo, consciente da alta perfeição que a espera, ele apela à humanidade, através do desenvolvimento harmonioso de suas instituições, para alcançar o ideal através do desenvolvimento consciente do real.

Essa insistência na perfeição como objetivo social e no esforço consciente para esse fim é de importância capital em contraste com as idéias que prevaleciam tão geralmente na segunda metade do século XIX. Sob a influência dos positivistas e dos sociólogos mecânicos, durante algum tempo, existia uma condição social, política e jurídica pessimista. Os homens pensavam na sociedade governada pela operação inflexível de leis sociais, cujo funcionamento podemos observar, como no funcionamento da lei da gravitação e nos movimentos dos corpos celestes, mas não poderia ter mais influência em um caso do que no outro. A filosofia social de Krause, por outro lado, usa uma frase recente, nos dá fé na eficácia do esforço e, portanto, concorda com as melhores tendências do pensamento social e político do presente.

A filosofia da Maçonaria de Krause e sua filosofia do direito exigem que se distinga a ordem natural, a ordem social e a ordem moral. A distinção pode ser desenvolvida da seguinte forma.

Os cientistas nos dizem que a natureza exibe uma luta incessante e implacável, uma luta por existência, embora essa maneira de colocá-la não tenha sido inventada nos dias de Krause, em que todos os indivíduos, raças e espécies estão inevitavelmente envolvidos. As

próprias ervas daninhas na beira da estrada não estão apenas em guerra entre si para que o espaço cresça, mas devem sustentar por sua existência contra a devastação de insetos, a voracidade dos animais em pastoreio e os instrumentos dos homens. Assim, o fio da vida, sob condições puramente naturais, é o conflito. Se voltarmos para as condições artificiais de um jardim, o contraste é extremo. Exóticos, que não conseguiam se manter por um momento, em solo alienígena e clima descontraído, contra a competição de ervas daninhas nativas resistentes, prosperavam exuberantemente. Plantado com cuidado, para não interferir um com o outro, cuidadosamente cuidado, de modo a eliminar a competição de vegetação nativa, abastecida com o melhor solo, regada sempre que o suprimento natural é deficiente, as plantas individuais, liberadas da necessidade de cuidar de si mesmas na luta pela existência, energias para um desenvolvimento mais perfeito e produzir formas e variedades das quais as originais rudes e não cultivadas mal transmitem rastro. Toda luta pela existência não é eliminada, de fato, no jardim. Mas o fardo disso mudou. Em vez de cada planta lutando entre si por uma existência precária, o jardineiro contesta a natureza para a existência de seu jardim. Ele cobre suas plantas para proteger das geadas, ele as rega para mitigar a seca, ele as pulveriza para evitar lesões por insetos, e ele limpa o canteiro para eliminar a concorrência das ervas daninhas. Em vez de deixar cada planta propagar-se como pode, ele colhe e seleciona a semente, prepara a terra e semeia para garantir os melhores resultados. Todo o processo está em desacordo com a natureza; e é mantido apenas por conflitos contínuos com a natureza e ao preço da vigilância e diligência. Se estes são relaxados, insetos, secas e ervas daninhas logo ganham o dia, e a ordem artificial do jardim chegará ao fim.

A sociedade e a civilização são, da mesma maneira, uma ordem artificial, mantida ao preço da vigilância e diligência em oposição às forças naturais. Como no jardim, também na sociedade, o traço característico é a eliminação da luta pela existência, pela remoção ou melhoria das condições que lhe deram origem. Por outro lado, na sociedade selvagem ou primitiva, como na sociedade natural das plantas à margem do caminho, a característica é a intensa e interminável competição na luta pela existência. No caminho de ervas daninhas, a natureza se esforça para ajustar as formas de vida às condições de existência. No jardim, o jardineiro se esforça para ajustar as condições de existência para as formas de vida que ele pretende cultivar. Da mesma forma, entre os selvagens e incivilizados, os homens se ajustam como podem a um duro Meio Ambiente. Com o advento e desenvolvimento da sociedade e civilização, os homens criam um ambiente artificial, ajustado às suas necessidades e promovendo seu contínuo progresso. Assim, a aprovação social e moral é, em certo sentido, artificial; ele está em oposição à ordem natural, e é mantido apenas pelo conflito com a natureza e pela repressão dos instintos naturais e desejos primitivos. Já foi dito que a natureza é moralmente indiferente. A moralidade é uma concepção que pertence ao social, não à existência natural. O curso de conduta que a qualquer membro da sociedade civilizada seria fatal para os selvagens; e o curso seguido pelo selvagem seria fatal para a sociedade. O selvagem, como qualquer animal selvagem, combate a luta da existência implacavelmente. O homem civilizado junta suas melhores energias às de seus companheiros, no esforço de limitar e eliminar essa luta.

Aprovação social então é, por assim dizer, uma ordem artificial, criada e mantida pela cooperação de um número de indivíduos através de gerações sucessivas. Assim como o



jardim exige vigilância e diligência por parte do jardineiro, para impedir a invasão e restabelecimento da ordem natural, de modo que a ordem social exige luta contínua com o ambiente natural, bem como com outras sociedades e com indivíduos, com os quais seus interesses ou necessidades entram em conflito. Consequentemente, além dos instintos de preservação de si e das espécies, é necessário um instinto ou intuição para preservar e manter a ordem social. Se nós consideramos isso foi adquirido em um processo ordenado de evolução, ou implantado no homem na criação, ele permanece como a base do direito e da justiça, trazendo como hábito moral *"essa tendência da vontade e modo de conduta que se abstém de perturbar a vida e os interesses outros e, na medida do possível, dificulta essa interferência por parte de outros."* mero conhecimento por parte dos indivíduos, no entanto, de que o bem-estar e até a continuidade da sociedade exige que cada um limite suas atividades um pouco com referência às atividades dos outros, não é suficiente para se manter dentro dos limites exigidos pelo direito e pela justiça. Os instintos egoístas mais primitivos e poderosos tendem a prevalecer em ação. Daí a guerra privada ser um processo comum da sociedade arcaica. As atividades concorrentes dos indivíduos não puderam ser harmonizadas e foram deixadas para se ajustarem. Mas paz, ordem e segurança são essenciais para a civilização. Todo indivíduo deve ser aliviado da necessidade de proteger seus interesses contra a invasão e se definir livre para perseguir um fim especial com todas as suas energias. À medida que a civilização avança, isso é feito substituindo a força da sociedade pela do indivíduo e, assim, colocando fim à guerra privada. Historicamente, o direito cresceu para essa demanda.

A manutenção da sociedade e a promoção de seu bem-estar, no entanto, como tem sido visto, dependem de muito além da lei. Mesmo em seu papel original e mais humilde de preservação da paz, a lei não era de modo algum a primeira em importância. Os germes das instituições legais devem ser vistos nas religiões antigas, e a religião e a moral mantêm os homens sob controle enquanto a lei ainda estava em embrião. Começando como uma, religião, moral e lei se diferenciam lentamente nos três órgãos reguladores e de controle pelos quais o direito e a justiça são mantidos e a sociedade é possível. Em muitos aspectos, seu objetivo é comum, em muitos aspectos, eles cobrem o mesmo campo; em alguns povos, eles são ainda confusos, no todo ou em parte. Mas hoje, entre os povos iluminados, eles permanecem os como três grandes sistemas; com seus próprios objetivos, seus próprios campos, sua própria organização, e seus próprios métodos; cada um mantendo as tendências atávicas em direção a transgressões da guerra privada, e cada um com sua parte no apoio à ação social da ordem artificial, mantendo o direito e a justiça. A religião governa os homens, na medida em que as agências reguladoras, sanções sobrenaturais; moral pela sanção da consciência particular, fortalecida pela opinião pública; pela sanção da força da lei da organização social. Cada um, portanto, para poder empregar suas sanções sistematicamente e efetivamente na manutenção da sociedade, deve ser dirigido ou exercido por uma organização. Consequentemente, encontramos a igreja dando força reguladora e coercitiva à religião e ao estado, assumindo e se colocando atrás da lei. Mas o que está por trás da terceira dessas grandes agências? O que e onde é a organização que fornece sistemas e eficácia à força reguladora da moralidade?

Aqui, Krause nos diz que é o posto da ordem maçônica. No mundo todo; respeitando cada credo honesto, não exigindo adesão a ninguém; ensinando obediência aos estados, não

limitando ninguém; olhando para a religião de um lado e para a lei do outro, e, estando no meio do caminho sólido dos sentimentos morais universais da humanidade, coloca atrás deles a força da tradição e do preceito e organiza a poderosa sanção à desaprovação humana. Assim, ele concebe que a Maçonaria está trabalhando de mãos dadas com a religião e o estado, na organização das condições do progresso social; e que todas as sociedades e organizações, locais ou cosmopolitas, que buscam unificar as energias dos homens em qualquer esfera, seja ciência, arte, trabalho ou comércio, têm a parte deles também; todos, sustentados pelos três pilares da ordem social, Religião, Direito e Moral; Sabedoria, Força e Beleza, estão fazendo para a perfeição humana.

Mas, para alcançar a perfeição humana, devemos ir além dos limites estritos da ordem social. A moralidade, como vimos, é uma instituição do homem social. No entanto, possui possibilidades próprias, superando os requisitos essenciais de uma sociedade. Há sim uma ordem moral, acima e desenvolvida a partir da ordem social, assim como a ordem social está acima da natural. A ordem natural é mantida pelos instintos de preservação da espécie. Esses instintos, irrestritos, não levam em consideração outras existências e faz da luta pela existência a regra. Na ordem social, os homens aprenderam a agir de modo ajustado em manter suas próprias vidas sem impedir que outros façam o mesmo. Na ordem moral, os homens aprenderam não apenas a viver sem prejudicar a vida de outros, mas a viver para ajudar outros a alcançar uma vida mais completa e perfeita. Quando a vida de todos indivíduos é plena e completa, sem dificultar o acesso de outras vidas a mesma plenitude, mas, enquanto as ajuda a alcançá-la, a perfeição é alcançada. Então o indivíduo, *"Nas mãos, pés e alma, esquadram o quadrado, formado sem culpa"*, encaixam-se intimamente na ordem moral, como a *pedra perfeita*. O instinto mantém a ordem natural. A lei deve estar principalmente por trás da ordem social. A Maçonaria encontrará sua esfera, na maioria das vezes, em manter e desenvolver a ordem moral. Para que, embora nos lembre de nossos deveres naturais para com nós mesmos e dos deveres que devemos ao nosso país, como personificação da ordem social, ele insiste, acima e além todos eles, sobre nossos deveres para com o próximo e com Deus, através dos quais somente a perfeição da ordem moral pode ser alcançada.

Krause não acredita, no entanto, que a lei e o estado devam limitar seu escopo e objetivo de manter a ordem social. Eles mantêm o direito e a justiça para defender a sociedade. Mas eles defendem a sociedade a fim de liberar as energias dos homens para que eles possam fazer a ordem moral. Portanto, o objetivo final é a perfeição humana. Se por qualquer ato destinado a manter a ordem social, eles retardam a ordem moral, eles são contrários aos seus fins. Lei e moral são distintas; mas o objetivo deles é um, e a distinção está nos campos em que eles podem atuar efetivamente e nos meios de sua ação, e não nas próprias idéias. O legislador nunca deve esquecer o objetivo final, e deve procurar avançar e não dificultar a organização e desenvolvimento harmonioso de todas as atividades humanas. *"Lei"*, ele nos diz, *"é a soma das condições externas de vida medidas pela razão"*. Até onde a perfeição pode ser alcançada pela limitação dos atos externos dos homens, pelos quais cada um pode viver uma vida completa, sem impedimentos de seus companheiros, a lei é eficaz. Mais do que isso, as condições externas da vida medida pela razão são, indiretamente, condições de vida mais plena e completa da ordem moral; os homens devem ser livres para exercer suas melhores energias e que possam empregá-las

com o objetivo de ajudar os outros a terem uma vida plena. Aqui, no entanto, a lei esgota suas possibilidades. Defende a ordem social, em que a ordem moral repousa. O desenvolvimento e manutenção da ordem moral dependem de condições internas. E estes estão sem o domínio da lei. No entanto, como a lei prepara o caminho para a ordem moral, a moral facilita mais a tarefa da lei, mais profundamente cada indivíduo, por sua própria iniciativa, mede sua vida pela razão, a lei deixa de ser meramente reguladora e restritiva e atinge seu maior papel na liberdade humana organizada. Aqui está uma das principais funções dos símbolos do ofício. Ao refletir sobre esses símbolos, a ideia da vida medida pela razão está em toda parte sobre ele. A régua de vinte e quatro polegadas, o prumo, o nível, o esquadro, o compasso e a prancheta da loja são eloquentes de medição e restrição.

Não há nada medido na vida do selvagem. Ele pode matar o suficiente para a sua necessidade, ou, por mero capricho ou amor arbitrário pelo abate, podem matar além de suas necessidades em desejo pelo risco futuro. Seus atos têm pouca ou nenhuma relação um com o outro. Ele não semeia em uma estação para que possa colher em outra, muito menos ele planta ou constrói em uma geração para que outra geração possa ser nutrida e protegida. As exigências ou os desejos do momento controlam suas ações. Por outro lado, nos atos de civilização o homem está conectado, relacionado um ao outro e, em um grande esquema de atividades harmoniosas e inteligentes. Ainda mais, isso é verdade de conduta que é chamada moral. Sua principal característica é a certeza. Hoje sabemos o que será o amanhã. Os que não têm princípios podem ou não cumprir promessas, podem ou não pagar dívidas, podem ou não ser constantes nas relações políticas ou familiares. O homem cuja conduta é moral, chamamos de confiável. Nós depositamos toda a confiança em sua firme adesão a um curso regular e ordenado da vida. Por isso, falamos de retidão de conduta, sob a figura de uma linha reta; e toda a nossa nomenclatura ética é baseada em tais figuras de linguagem. **Excesso**, que é indefinido e não medido, é imoral; **moderação**, implica a adesão a um conjunto definido e meio determinável, sentimos ser **moral**. O homem social, diferenciado do selvagem, e mais ainda o homem moral, distinto daquele que apenas tomar cuidado para não infringir a lei, mede e define sua vida, e os símbolos do *ofício* servem como monitores contínuos para os fracos ou impensados do que deve distinguir entre eles e os selvagens e os sem princípios.

A alegoria da casa não construída com as mãos, na qual devemos nos encaixar como pedras vivas, sugere reflexões ainda mais inspiradoras. Aqui vemos simbolizado a orgânica concepção da sociedade e das atividades humanas, sobre a qual Krause insiste tão fortemente. O progresso social e individual, diz ele, é inseparável. Nada deve ser guardado para trás ou impedido na marcha em direção à perfeição humana. A ordem social conserva o fim e a auto manutenção da espécie, mais perfeitamente do que a ordem natural, que não visa nada superior; e a ordem moral realiza o fim de manter a sociedade mais plenamente do que um sistema que não tenta mais. A vida completa é uma vida completa das unidades, bem como do todo, e o progresso da humanidade é uma harmonização dos interesses de cada um, com o outro e com todos. A natureza é um desperdício. Miríades de sementes são produzidas por que algumas plantas podem ter dificuldade para amadurecer. Multidões de vidas são perdidas na luta pela existência, para que poucos possam sobreviver. À medida que os homens avançam em termos sociais e morais, desenvolvimento, esse sacrifício de indivíduos se torna continuamente menor. O mais perfeito Estado, em consequência, é

aquele em que o bem-estar de cada cidadão e o de todos cidadãos tornaram-se idênticos, onde os interesses do estado e do sujeito são um, onde os sentimentos de cada um de acordo com os de todos. Nesta era de organização universal, quando os capítulos de Krause parecem quase proféticos, há muito para nos consolar em sua crença de que a organização orgânica deve ser harmoniosa no final, o conflito funcionará consciente e infalivelmente, pois agora eles funcionam inconscientemente e imperfeitamente, em direção a um fim comum. Se nós, como diz seu ilustre aluno, "*a sociedade humana é apenas um pacote sólido de instituições orgânicas, uma federação de organizações particulares, através das quais os objetivos fundamentais da humanidade são realizados*", podemos esperar com confiança a unidade onde agora há discórdia. E podemos esperar acima de tudo, neste trabalho de unificação, daquela Irmandade mundial, que tem como missão organizar os costumes e trazê-los para casa como realidade para todos.

Resumindo, como Krause responde aos três problemas da filosofia maçônica?

(1) Qual é o propósito para o qual a Maçonaria existe? O que ela procura fazer? Krause responde que, em comum com todas as outras instituições humanas, seu objetivo final é a perfeição da humanidade. Mas seu objetivo imediato é organizar a moral universal e os sentimentos da humanidade; organizar a sanção da desaprovação humana.

(2) Qual é a relação da Maçonaria com outras instituições humanas, especialmente com governo e religião, estado e igreja? Krause responde que estes visam também perfeição humana. Imediatamente, cada um procura organizar algum ramo particular de atividade humana. Mas eles fazem isso como um meio para um fim comum. Por isso, ele diz, cada uma dessas organizações devem trabalhar em harmonia e até em cooperação com as outras para o grande fim de todos eles. Nesse espírito expõe as bem conhecidas exortações e obrigações com relação à atitude do maçom em relação ao governo e a religião de seu país.

(3) Quais são os princípios fundamentais pelos quais a Maçonaria se orienta para alcançar o fim que ele procura? Krause responde: A Maçonaria tem que lidar com as condições internas da vida governada pela razão. Portanto, seus princípios fundamentais são a medição e a restrição, medida pela razão e restrição pela razão, e ensina isso como um meio de alcançar a perfeição.

Em breve e escasso esboço, tal é a relação da Maçonaria com a filosofia do direito e governo, como concebido por alguém que deixou sua marca na história de cada um. Pense no que podemos, de algumas de suas doutrinas, diferir dele, como podemos, em muitos pontos, sustentarmos que nossa Ordem tem outros fins, precisamos ser estimulados pelo nobre objetivo que ele colocou diante de nós; precisamos ser animados por um espírito superior e objetivo mais árduo, como uma das principais sociedades orgânicas que compõem o "*pacote sólido*" que contribui para a perfeição humana.

**Oliver**

A filosofia de KRAUSE se preocupa principalmente com a relação da Maçonaria com a filosofia do direito e do governo. A filosofia de Maçonaria de Oliver lida mais com a Maçonaria em sua relação com a filosofia da religião. Para entender isso, é preciso apenas observar que Krause era por profissão um filósofo e que a principal obra de sua vida foi feita na filosofia do direito e do governo, enquanto, por outro lado, Oliver era um clérigo. Como no caso de Preston, a ideia filosófica geral de Oliver veio para ele pronta. Ele fluiu com a corrente filosófica de seu tempo. Ele não a transformou em novos canais ou afetou seu curso, como fez Krause. Portanto, aqui, como com Preston, podemos considerar convenientemente a filosofia da Maçonaria de Oliver sob três cabeças: 1. O homem; 2. o tempo; 3. Sua filosofia maçônica como um produto dos dois.

1. O homem. George Oliver nasceu em Pepplewick, no condado de Nottingham, 5 de novembro de 1782. Seu pai era um clérigo da igreja estabelecida e sua mãe era filha de um cavalheiro do campo. Portanto, ele tinha a vantagem de uma criação em condições de cultura e refinamento. Ele foi educado em Nottingham e fez tanto progresso que, aos 21 anos, tornou-se o segundo mestre na escola secundária de Caistor, em Lincolnshire. Seis anos depois, ele foi nomeado chefe mestre da escola de gramática do rei Edward em Great Grimsby. Em 1813, ele recebeu a ordenação, mas continuou a ensinar. Em 1815, ele recebeu um patrocínio de seu bispo como resultado de um exame e foi admitido nas fileiras do Trinity College, Cambridge, com um chamado de dez anos. Ou seja, ele estudou por dez anos nos quais ganhou o seu diploma. Assim, em 1836, ele conseguiu seu diploma de doutorado em teologia. Entretanto, foi sucessivamente promovido a paróquias de mais e mais importância até se tornar reitor de Wolverhampton e prebendário do colegiado da Igreja. Em 1846, o senhor chanceler lhe deu uma vida mais fácil e lucrativa. Ele morreu em 1866 aos oitenta e quatro anos.

A partir de 1811, Oliver era um estudante diligente e um escritor prolífico, antiguidades, particularmente antiguidades eclesiásticas e seus escritos logo lhe trouxeram alta reputação como antiquário. Vale a pena ver uma lista dos mais importantes desses livros que tomados em conexão com a longa lista de seus escritos maçônicos dará uma idéia de sua diligência e atividade. Eu dou apenas aqueles que foram considerados os mais importantes.

1. História e antiguidades da Igreja Colegiada de Beverley. 2. História e Antiguidades da Igreja Colegiada de Wolverhampton. 3. História da Igreja de Grimsby. 4. Antiguidades monumentais de Grimsby. 5. História da Guilda da Santíssima Trindade, Sleaford. 6. Druidas permanecem perto de Lincoln. 7. Guia para o Templo Druídico em Nottingham. 8. Restos dos bretões antigos entre Lincoln e Sleaford.

A estes deve ser acrescentado um grande número de artigos e notas sobre assuntos de antiquários publicados entre 1811 e 1866. E lembre-se de que o autor era, durante a maior parte do tempo enquanto escrevia, um professor que estudava nas horas de lazer em preparação para sua ordenação e mais tarde para sua graduação e quando escreveu o restante era reitor de uma paróquia importante, um magistrado, um substituto para o bispado de Lincoln e curador do fundo clerical de sua diocese. Era o trabalho de um homem e meça bem isso. No entanto, temos que adicionar uma carreira literária maçônica frutífera e duradoura em seus resultados.

Oliver foi feito Maçom aos dezenove anos. Esta declaração, surpreendente para o ouvido maçônico moderno, requer explicação. Como uso maçônico de então, ele era um "*lewis*" (*lowton no Brasil*) que é um filho de maçom que pode ser iniciado antes que ele atinja a maioridade. Os privilégios de um Lewis nunca foram definidos claramente. Ele deveria ter um direito de iniciação em precedência sobre todos os outros candidatos. Também na Inglaterra e França ele deveria ter o direito de ser iniciado em tenra idade, ou seja, dezoito anos. As constituições são omissas neste ponto, mas o costume tradicional era conceder uma dispensa no caso dos Lewis após essa idade. É difícil dizer se esse uso já existiu na América. No momento, é desconhecido. Mas há evidências que existiu no século XVIII como, por exemplo, no caso de George Washington que foi iniciado aos vinte anos. De qualquer forma, Oliver se tornou um Maçom dessa maneira, aos dezenove anos, sendo iniciado por seu pai na Loja St. Peters em Peterborough em 1801.

O pai de Oliver era um maçom zeloso e bem informado e um ritualista da escola literal, que é o tipo que considera a perícia literal do ritual como a única necessária na Maçonaria. Assim, Oliver foi completamente treinado neste aspecto, que de fato é indispensável não apenas ao avanço maçônico, mas, suspeito, ao estudo maçônico, e como resultado de seu profundo conhecimento do ritual e atividade incansável, sua ascensão no Ofício foi rápida.

Em 1809, Oliver estabeleceu uma Loja em Grimsby, onde ele era o mestre da escola secundária e principalmente por seus esforços, a loja se tornou forte e próspera. Ele foi o Venerável Mestre da Loja por catorze anos. Daí sucessivamente ele se tornou o Grande Mordomo Provincial (1813); Grande Capelão (1816); e Vice-Grão-Mestre Provincial (*equivalente ao Grão Mestre Adjunto no Brasil*) em Lincolnshire (1832). Este último cargo ocupou por oito anos. Devemos lembrar que o cargo de Grão-Mestre Provincial é reservado na Inglaterra para membros da nobreza. É interessante saber que a Grande Loja de Massachusetts deu a ele o título honorário de Past Vice-Grão-Mestre.

A lista dos escritos maçônicos de Oliver é muito longa. Ele é o mais prolífico dos autores maçons e em geral teve a maior influência. Ele começou publicando um número de sermões maçônicos, em seguida, suspeita-se que por revolta à "Maçonaria Ritualística Mecânica" à qual, por assim dizer, ele foi criado, virou sua atenção à história e posteriormente à filosofia do ofício.

Seu primeiro trabalho histórico é o bem conhecido "Antiguidades da Franco-Maçonaria: compreendendo ilustrações dos cinco grandes períodos da Maçonaria, desde a criação do mundo até a dedicação do templo do rei Salomão" publicado em 1823.

Em seguida, seguiu em ordem:

2. A Estrela no Oriente, seu primeiro trabalho filosófico, projetado para mostrar a relação da Maçonaria e Religião.
3. Sinais e símbolos, uma exposição da história e importância de todos os símbolos maçônicos então reconhecidos.

4. História da Iniciação, doze palestras sobre os mistérios antigos em que Oliver procurou traçar a iniciação maçônica e os antigos sistemas de iniciação a uma origem comum; um questionamento em relação aos estudos antropológicos e sociológicos recentes sobre as sociedades secretas primitivas indicam que ele pode ter atingido a verdade muito mais perto do que estávamos supondo ultimamente.
5. A Filosofia Teocrática da Maçonaria, um desenvolvimento adicional de suas idéias quanto à relação da Maçonaria com a religião.
6. Uma História da Maçonaria Livre de 1829 a 1840, destinada como um apêndice de ilustrações da Maçonaria que ele havia editado em 1829.
7. Marcos históricos e outras evidências da Maçonaria explicada, de longe sua maior obra, um monumento de ampla leitura e pesquisa trabalhosa.
8. Revelações de um esquadro, um pouco de ficção maçônica.
9. Os restos de ouro dos primeiros escritores maçônicos, uma compilação elaborada em cinco volumes.
10. O Símbolo da Glória, sua melhor discussão sobre o objeto e o propósito da Maçonaria.
11. Um espelho para os maçons joanitas, no qual ele discute a dedicação das lojas e os dois Santos João.
12. A Origem e Insígnias do Grau do Arco Real.
13. Um dicionário de Maçonaria simbólica, o primeiro de uma longa linha de dicionários.
14. Institutos de Jurisprudência Maçônica.

Ele também publicou um "Livro da Loja", uma espécie de manual ritualístico semelhante aos monitores ou manuais (*rituais*) tão conhecidos hoje em dia. Da mesma forma, ele contribuiu constantemente para periódicos Maçônicos ingleses e até americanos.

Provavelmente ninguém que não seja por profissão um escritor pode mostrar essa lista, tendo em mente como muitos dos itens são livros de primeira ordem em sua classe.

Infelizmente, os pontos de vista de Oliver sobre a lei maçônica não estavam de acordo com aqueles que prevaleciam na Inglaterra em 1840. Conseqüentemente, naquele ano, o Dr. Crucifix, um dos o mais distinto dos maçons ingleses do século XIX, foi suspenso pela Grande Loja e afastado das atividades maçônicas, Oliver também incorreu no desagrado reivindicando o direito, embora fosse o Vice-Grão-Mestre Provincial, de participar de uma manifestação pública em homenagem à Crucifix, na qual um grande número de maçons proeminentes se juntaram. Isso o levou a perder o cargo pela ação do Grão-Mestre

Provincial e a sua retirada da conexão ativa com a Maçonaria. Mas os maçons ingleses logo viram a solidez das opiniões de Oliver sobre a independência que a Maçonaria deve permitir ao indivíduo em sua crença e opinião como para o que é a lei maçônica. Assim, quatro anos depois, quase todos os maçons do reino juntaram-se para presentear Oliver com uma placa em reconhecimento aos seus grandes serviços ao ofício. Mas a justiça não foi feita a Oliver como fora feita a Preston, possivelmente porque Oliver não era o tipo de homem que insistia em si mesmo como Preston teria feito. Em consequência, Oliver ficou fora do contato com o trabalho maçônico ativo pelos últimos vinte e dois anos de sua vida. Isso não era de forma alguma devido sua obstinação, penso eu, manifestada apenas olhando seu retrato, que irradia benevolência e amabilidade. Além disso, todos os relatos de sua personalidade concordam com a impressão que se obtém do retrato. Todas testemunham sua amabilidade, sua genialidade, sua caridade e sua prontidão para obedecer. Todos que têm escrito sobre ele testemunham que ele era desprezioso do mais alto grau, não afetado e de fácil abordagem. Homens como Krause e Oliver deveriam sofrer com o ciúmes que um maior conhecimento parece gerar naqueles que consideram a capacidade de recitar o ritual com fidelidade microscópica, como a soma total da Maçonaria e esta não deveria ser questionada. A amplitude que esse conhecimento inevitavelmente gera ameaça a muitos fundamentos do liberalismo que os homens mais fortes de nossas lojas têm ensinado ou aprendido como a essência da instituição. Mas é estranho que um comentário infeliz sobre a natureza humana arrogante e ambiciosa, feito por Preston, possa, finalmente, obter a justiça que foi negada a Krause e a Oliver.

Resumindo a personalidade de Oliver, tudo confirma a impressão derivada do retrato. Ele era um homem de coração caloroso, zeloso do entusiasmo antiquário, de fé e convicções religiosas profundas. Nós devemos nos lembrar de cada uma dessas características quando considerarmos sua filosofia da Maçonaria. Tanta coisa sobre o homem.

Agora para seu tempo.

A filosofia dominante em todos os lugares quando Oliver escreveu era o que é conhecido como romantismo. Na Inglaterra, que nesse período ainda era preocupada principalmente com a religião, e não com questões filosóficas ou científicas, o romantismo era especialmente forte. Os pensadores da geração pós Kant se opuseram à sua filosofia crítica com base na falta de vitalidade. Eles afirmaram que a unidade viva do espírito foi violada por suas análises e distinções. Eles apontaram para a fé religiosa, por um lado, e a concepção e criação artística, por outro, como métodos que, ao contrário da filosofia crítica, faziam justiça à vida. Em outras palavras, a idade da razão pela qual Preston trabalhou e escreveu terminou e, durante uma temporada, pelo menos os homens deixaram de esperar todas as coisas da razão, intelecto e conhecimento e começaram a esperar todas as coisas do que chamam de espírito. Os pensadores mais jovens estavam especialmente cheios de entusiasmo com essa ideia de deduzir todas as coisas do espírito e não viram que elas estavam simplesmente procurando uma nova pedra filosofal. Eles esperavam através da ideia do espírito para estabelecer uma unidade completa de todas as coisas, para quebrar a separação entre ciência, religião e arte e reconciliar todas as discórdias. Tal ideia de conhecimento pode ser corretamente chamada de romântica. Está diante de nós sublime e distante. Desperta nosso entusiasmo e zelo por alcançá-lo e nos influencia por sua



exaltação e não por qualquer perspectiva que nos permita uma realização clara e sóbria. Que toda uma geração deveria se contentar em colocar seu ideal de conhecimento dessa forma parece difícil de explicar, mesmo pela reação ao excesso de racionalismo do século. Provavelmente, a revolta geral provocada pela Revolução Francesa deve ser levada em consideração e a idade de ouro da poesia que acompanhou esse movimento filosófico não deve ser esquecida. De fato, a conexão entre os filósofos românticos, poetas românticos e músicos românticos está muito próxima. Não é por acaso que o que podemos chamar de Maçonaria Romântica aparece ao mesmo tempo. Isso se manifestará especialmente quando eu falar dos pontos de vista de Oliver sobre a relação da Maçonaria com a religião. Um dos mais representativos filósofos românticos alemães argumentou que a separação entre poesia, filosofia e religião era superficial e arbitrária. Ele argumentou que, enquanto o poeta considera a filosofia como uma explicação da poesia da vida que se encontra em todas as coisas, o filósofo considera a poesia como uma forma pictórica, percebida intuitivamente, do pensamento que se move em todas as coisas. Ele disse, que a religião é uma fase da mesma busca pela unidade. Deixe-me citar suas palavras, pois elas são nas visões de Oliver: *"Se for permitido que a tarefa do pensamento seja nos mostrar a unidade de tudo, o esforço filosófico pode diferir em sua essência do anseio religioso que igualmente procura transcender as oposições e a inquietação da vida?"* Essa filosofia romântica entrou na Inglaterra principalmente através do poeta Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), que escreveu enquanto as principais atividades literárias de Oliver estavam em progresso e morreu cerca de seis anos antes do mais importante e significativo dos escritos. A relação de um para o outro é tão clara que a digressão de um momento para Coleridge é necessária.

Em sua juventude, Coleridge nos diz que tinha sido um discípulo do racionalista século dezoito. Mas ele foi repellido pela tentativa, tão característica do décimo oitavo século, de reduzir fenômenos mentais a funções elementares por meio de análises e descobrir leis mecânicas para toda a consciência. Se isso pudesse ser feito, ele disse, destruiria a unidade e a atividade da mente. Nesse momento, ele entrou em contato com a filosofia romântica alemã e virou na nova direção. Na verdade, ele era um romancista por natureza. Dizia-se que ele se divertia com idéias do absoluto em que as diferenças e oposições do mundo finito se fundiram e desapareceram. Ele foi poeta e pregador, em vez de pensador, e raramente ultrapassava a intuição e a profecia. Portanto, há mais do que um pouco de verdade no dizer de um de seus críticos que ele liderou sua geração através do luar para a ortodoxia e para uma mais pronunciada ortodoxia do que a obtida anteriormente. Dizem que os anglo-católicos ou anglo-papistas, movimento do século XIX, que levou Newman e tantos outros estudiosos ingleses à igreja de Roma, foi o resultado das idéias de Coleridge.

Quais eram, então, as características da filosofia da época e do lugar em que Oliver escreveu?

1. Especulação e imaginação foram os principais órgãos do pensamento. O poético passou pelo real. Entusiasmo para o ensino.
2. Razão abdicada por uma temporada. Convicção, intuição e fé foram consideradas e justificadas.

3. Do mesmo modo, a tradição se tornou algo que se justificava. Isso é visto particularmente no chamado movimento de Oxford e na reação católica na Inglaterra. Isto é visto também na posição do tempo quanto à constituição inglesa que Dickens satirizou na pessoa do Sr. Podsnap.

4. A reconciliação do cristianismo com a filosofia tornou-se um problema reconhecido. Por exemplo, Coleridge levou isso para seu trabalho principal.

Todos esses recursos podem ser vistos nos escritos maçônicos de Oliver. Os defeitos de seus escritos históricos, por exemplo, que degradam totalmente a história maçônica popular são os defeitos de um romancista. Uma imaginação calorosa e entusiasmo especulativo levou-o embora. Em comum com seus professores filosóficos, ele joga fora o método crítico e perde a faculdade de discriminar com precisão entre o que havia estado e o que ele gostaria de acreditar. Por outro lado, na filosofia maçônica, onde a especulação pura era permitida, essas qualidades tinham um certo valor. Mill diz a Coleridge que ele era uma das grandes mentes seminais de seu tempo. Da mesma forma, Oliver, mais do que qualquer outra pessoa, colocou os homens a pensar nos problemas da filosofia maçônica. Seu estilo é agradável. Ele é sempre fácil de ler e frequentemente divertido. Uma multidão de leitores, seriam repelidos pelos aprendizados de Krause, em suas páginas difíceis, alegraram-se com Oliver. Por isso, ele deu uma forma e orientação para a Especulação Maçônica que ainda persiste.

Voltando à filosofia da Maçonaria de Oliver, três pontos importantes podem ser observados: 1. Sua teoria da relação da Maçonaria com a religião; 2. Sua teoria da Maçonaria como tradição que nos chega de um estado puro anterior ao dilúvio; 3. Sua teoria da natureza essencialmente cristã de nossa instituição.

Deixe-me levar isso em ordem.

1. Foi dito que a reconciliação do conhecimento com a religião e a unificação da religião com todas as outras atividades humanas era o empreendimento favorito da filosofia romântica. Era natural, portanto, que um clérigo fosse atraído para esse tipo de pensamento e que um clérigo zeloso e Mason entusiasmado que aprendeu Preston, cujo livro ele editou, que a Maçonaria era conhecimento, deveria converter o problema em relacionar a Maçonaria com a religião e reconcilia-las. O modo de Oliver fazer isso era altamente engenhoso. Religião e Maçonaria, ele dizia, são idênticos em seu fim e são idênticos em seu fim com o conhecimento. Cada uma é uma manifestação do espírito absoluto, que é de Deus. Deus, ele diria, manifesta-se para nós, primeiro, por revelação e, assim, o conhecemos e conhecemos a nós mesmos e conhecemos o universo através da religião. Segundo, Ele manifesta-se para nós pela tradição, e desta forma, nós o conhecemos e nos conhecemos e conhecemos o universo através da Maçonaria. Terceiro, Ele se manifesta para nós através da razão, e assim o conhecemos e conhecemos a nós mesmos e conhecemos o universo através do conhecimento ou, como passamos a chamá-lo, Ciência. Em comum com os romancistas, ele procurou lançar todo o conteúdo da vida em um todo interconectado; e isso ele encontrou em Deus ou no absoluto. Segundo ele, a Maçonaria

era um modo de abordagem de Deus, sendo os outros dois a religião e a ciência. Se a tríade de Krause era lei, religião, moral, dado efeito por Estado, Igreja, e Maçonaria, Oliver é revelação, tradição e razão, exposta, transmitida, desenvolvida e interpretada pela Religião, Maçonaria e ciência.

2. A teoria de Oliver da Maçonaria como um sistema de tradição parece ter sido derivada de Hutchinson. Este último merece um momento de digressão.

William Hutchinson (1732-1814), um advogado inglês, é talvez o mais antigo maçom filósofo. Em 1774, com permissão da Grande Loja, que então insistia em um direito de censurar todos os escritos maçônicos, Hutchinson publicou sua principal obra maçônica intitulada "O Espírito da Maçonaria". O próprio Oliver disse que este livro foi "*a primeira tentativa eficiente de explicar de maneira racional e científica a verdadeira filosofia da ordem.*" A doutrina de Hutchinson era que a palavra perdida simboliza a perda da pureza religiosa devido as corrupções da fé judaica. Ele sustentou que o mestrado simbolizava a nova lei de Cristo, substituindo a antiga lei do judaísmo, que tornou-se morto e corrupto. Por um pouco de etimologia fantasiosa, ele derivou Hiram (*Huram*) do grego **heuramen** (*o encontramos*) e Acácia do grego **alfa** (*letra*) e **kakia** (*o mal*), **Akakia**, liberdade do mal ou liberdade do pecado. Assim, ele diz, que o Mestre Maçom "*representa um homem sob a doutrina cristã salva do túmulo da iniquidade e elevado à fé da salvação.*"

Hutchinson influenciou Hemming, que escreveu as instruções dos Antigos e um traço dessa influência, pode ser visto na América na interpretação da estrela flamejante em nossas instruções. Claramente, Oliver recebeu sua sugestão de Hutchinson. Hutchinson identificou religião e maçonaria. Oliver, como clérigo da igreja estabelecida, não podia permitir. Em vez disso, Oliver procurou unificá-los, ou seja, mantendo-as distintas para fazer as fases de uma unidade superior, para torná-las expressões do que são, em última análise, não imediatamente, uma unidade. Isso ele fez como foi visto ao considerar cada uma como um modo de abordagem a Deus. Essa concepção levou à sua teoria da Maçonaria como um corpo de tradição.

Resumidamente, a teoria de Oliver é essa. Ele sustentava que a Maçonaria deveria ser encontrada como um corpo da tradição nos primeiros períodos da história, conforme registrado nas Escrituras. Esta tradição de acordo com suas especulações entusiásticas, foi ensinada por Seth a seus descendentes e foi praticada por eles como uma Maçonaria pura ou primitiva antes do dilúvio. Assim passou para Noé e seus descendentes e na dispersão da humanidade foi dividida em Maçonaria pura e Maçonaria espúria. A Maçonaria pura passou pelos patriarcas à Salomão e daí à instituição atual. Por outro lado, a pura tradição foi corrompida entre os pagãos e assumiu a forma dos mistérios e iniciação dos ritos da antiguidade. Assim, sustentou, temos na Maçonaria uma ciência tradicional de moralidade velada na alegoria e ilustrada por símbolos.

3. Mais uma vez, seguindo a sugestão de Hutchinson, embora as antigas obrigações sejam fiéis à Santa Igreja que deem-lhe alguma chancela, Oliver insistiu que a Maçonaria era uma instituição estritamente cristã. Ele acreditava, é claro, que o cristianismo era predito e, de certa forma, revelado no Antigo Testamento e que a doutrina da Trindade, por exemplo, era

claramente exposta nele. Da mesma forma, ele sustentou que o mais antigo dos símbolos maçônicos também ensinou a doutrina da Trindade e que as referências maçônicas ao Grande Arquiteto do Universo eram referências a Cristo. De fato, em seu sistema, isso foi necessário. Pois se a religião, que para ele poderia significar apenas a religião cristã, e a Maçonaria deveriam ser unificadas, deveriam colocar diante de nós diferentes manifestações do mesmo Deus. Só poderia haver um Deus e esse Deus trino, o Deus de sua religião, ele sustentava, nos foi mostrado pela revelação, pela tradição e pela razão. Assim, a interpretação da revelação de Oliver determinou sua interpretação das outras duas. Se tivermos isso em mente, podemos aceitar sua filosofia geral sem aceitar essa doutrina em particular. Pois ele precisa apenas postular uma abordagem mais universal e mais geral da religião que ele professava, uma religião acima de seitas, credos e dogmas para manter que tal religião junto com a Maçonaria e junto com a razão leva a Deus. Além disso, Hindus e Maometanos podem colocar sua própria interpretação na revelação e juntar-se a acreditar nesses três modos de conhecer o absoluto. Mackey censura Oliver pela estreiteza e sectarismo. Mas as possibilidades de sua filosofia maçônica é a mais ampla possível. Era muito cedo em 1840 para pedir a um clérigo ir além em sua aplicação do que ele foi. Quais são então as respostas de Oliver para as três questões fundamentais da filosofia maçônica?

1. Qual é o fim da Maçonaria, para o que a instituição existe? Oliver responderia que é o fim da religião e da ciência. Cada um desses meios através do qual somos colocados em relação com o absoluto. Eles são os meios através do qual conhecemos Deus e suas obras.

2. Como a Maçonaria procura alcançar seu fim? Oliver responderia preservando, transmitindo e interpretando uma tradição de antiguidade imemorial, uma pura tradição desde os primórdios.

3. Quais são os princípios fundamentais pelos quais a Maçonaria se orienta para alcançar seus objetivos nesta tarefa? Oliver diria que os princípios fundamentais da Maçonaria são essencialmente os princípios da religião como os princípios básicos do mundo moral. Mas na Maçonaria eles aparecem em uma forma tradicional. Assim, por exemplo, a tolerância na Maçonaria é uma forma do que na religião chamamos de caridade; universalidade na Maçonaria é uma forma tradicional do que na religião chamamos amor ao próximo.

Como foi dito, a filosofia maçônica de Krause era sua relação com a lei e o estado. A filosofia maçônica de Preston era sua relação com o conhecimento, a filosofia maçônica de Oliver é em relação com a religião. Nenhum dos outros teve um décimo da influência que a filosofia de Oliver exerceu sobre o pensamento maçônico. E, no geral, sua influência tem sido valiosa e estimulante. Um crítico disse que *"tudo o que teria dado foi o luar transcendental, que lançou uma nova luz sobre coisas antigas para muitos jovens que duvidavam e buscavam, mas que não continham nova vida"*. Em certo sentido, é assim. A filosofia maçônica de Oliver é um produto óbvio de um clérigo da era da filosofia romântica que havia lido e refletido sobre Hutchinson. E, no entanto, não é verdade que não haja vida nova em Oliver. Exceto por Krause, nada tão valioso foi apontado para a Maçonaria como o fim que Oliver encontrou para nós. Não posso deixar de sentir que é uma grande desgraça que sua filosofia esteja sendo vendida para uma nova geração em fragmentos

grandiloqüentes através dos Grandes Oradores em Lojas e artigos na imprensa maçônica, em vez de serem apreendidos como um todo.

## **PIKE**

Chegamos agora a um tipo radicalmente diferente de filosofia maçônica. Para Preston a Maçonaria é um sistema tradicional de conhecimento e seu fim é transmitir conhecimento. Por isso, ele pensa na relação da Maçonaria com a educação. Para Krause está organizada na moral e seu fim é colocar a humanidade organizada por trás das idéias morais universais. Por isso, ele pensa na relação da Maçonaria com a lei e o governo. Para Oliver, é um modo de abordagem de Deus e seu fim é nos levar ao Absoluto, por meio de uma tradição pura. Por isso, ele pensa na relação da Maçonaria com a religião. Pike nos dá uma metafísica da Maçonaria. Para ele, a Maçonaria é um modo de estudar primeiro os princípios e seu fim é revelar e nos dar posse do princípio universal pelo qual podemos dominar o universo. Por isso, ele pensa na relação da Maçonaria com os problemas fundamentais da existência. Em parte, essa visão era inevitável em quem pensou e escreveu em um país sob a influência da filosofia transcendental. Em parte, também era esperado de um membro de uma profissão cuja filosofia das idéias, na medida em que seus líderes sustentavam alguma, eram completamente hegelianas. Em parte, cresceu fora da ampla leitura de Pike nos escritos filosóficos da antiguidade e sua inclinação para o misticismo. Assim, sua filosofia da Maçonaria é um produto do homem e da época e devemos primeiro olhar para cada um deles para tratá-lo de maneira inteligente.

1. O homem. Albert Pike nasceu em Boston, em 29 de dezembro de 1809. Seus pais eram pobres. Ele foi educado nas escolas públicas de Boston e é interessante saber como um meio de comparar esses dias com os que, embora ele tenha passado nos exames na admissão da Universidade de Harvard, ele não pôde entrar porque, naquele tempo, o requisito era que o curso de dois anos fosse pago antecipadamente ou garantido por fiança. Ele tornou-se professor e lecionou em escolas do interior de Massachusetts de 1825 a 1831. Em 1831, ele foi para o oeste e juntou-se a um grupo comercial de St. Louis a Santa Fé. Santa Fé estava então no México e a jornada naquele momento foi perigosa através de um deserto habitado apenas por índios. De volta, ele atravessou as planícies e o território indígena e finalmente se estabeleceu em Van Buren, no Arkansas, onde ele abriu uma escola.

Naquela época, o sentimento político no Arkansas era muito amargo. O território foi dividido entre o partido Conway, que eram politicamente democratas e, na verdade, eram também uma espécie de clã, e o partido de Crittenden, que eram politicamente liberais, mas eram na verdade mais uma facção pessoal do que um partido político. O derramamento de sangue foi frequente e em muitos aspectos, houve uma disputa entre as facções tanto quanto uma rivalidade política. A experiência inicial nesta era feudal e de guerra privada na fronteira, vale a pena lembrar, tem conexão com muitas coisas nas instruções de Pike sobre a Maçonaria. Pike era um liberal e, como tal, publicava no periódico Liberal em Little Rock, alguns artigos fortes que atraíam atenção geral. Assim, Crittend, o líder liberal, procurou Pike em sua escola no campo e o induziu a ir a Little Rock como um dos editores do periódico do partido. Esta foi sua oportunidade e ele melhora estudando direito enquanto trabalha também no jornal. Em 1834 ele foi admitido no tribunal ele subiu rapidamente para

o primeiro posto na profissão em Arkansas. Entre uma de suas realizações está a preparação da primeira revisão dos estatutos daquele Estado. O livro não leva o nome dele, mas relatos contemporâneos nos dizem que ele tinha a parte principal na estruturação. Por consentimento geral, é um modelo de como esse trabalho deveria ser.

No início da guerra mexicana, Pike entrou em serviço e estava em ação em Buena Vista. Sua coragem, já provada nos conflitos políticos dos dias territoriais, foi novamente mostrada em eventos que surgiram da campanha no México. Pike sentiu que era dele o dever de criticar a conduta militar do governador Roane e, como resultado, foi obrigado a lutar um duelo. O duelo ocorreu sobre a linha no território indígena. Felizmente, não foi derramado sangue e tudo terminou em reconciliação. Há boas razões para suspeitar que alguns traços dessa experiência podem ser vistos em suas instruções.

De 1853 a 1857, Pike exerceu advocacia em Nova Orleans. Assim, ele foi levado a fazer um estudo diligente e caracteristicamente minucioso do direito romano, base do direito francês lei que era observada então, como faz agora, na Louisiana. Em 1857 ele voltou para o Arkansas e depois se sentou-se na Suprema Corte deste estado. No início da Guerra Civil, ele lançou seu apoio ao sul. Como ele tinha grande influência com os índios, ele foi enviado para levantar um regimento no território indígena. Neste trabalho, ele foi vigoroso e incansável. Mas seus esforços máximos não conseguiram tirar soldados obedientes ou eficientes da grande força que ele foi capaz de levantar. Alguns dos feitos dessa força deixaram uma mancha em sua memória que, de acordo com as melhores autoridades disponíveis, parece ser imerecida. Na verdade, sua experiência não foi muito diferente da dos oficiais britânicos durante a Revolução e durante a Guerra de 1812 que procuraram fazer uso militar de índios aliados. De qualquer forma, o projeto falhou. Essa experiência também deixou mais de um traço em suas instruções maçônicas. Após a Guerra Civil, ele praticou direito por um tempo em Memphis. Em 1868 ele foi para Alexandria, Virgínia, e em 1870 mudou-se para o outro lado do rio, para Washington, onde exerceu advocacia por vinte e um anos. Ele morreu em 1891.

Albert Pike era um homem do mais amplo e variado aprendizado. Ele era um advogado de sucesso. Ele estudou o direito romano com bons propósitos e deixou um manuscrito de um livro de três volumes sobre os princípios da lei romana que está agora na biblioteca da Suprema Corte dos Estados Unidos. Mas ele tinha muitos interesses acadêmicos fora de sua profissão. Ele deixou entre seus papéis uma tradução manuscrita do Zend Avesta e do Rig Veda em vinte e dois grandes volumes copiosamente anotados. Além disso, ele deixou alguma marca como poeta. Alguns de seus poemas, particularmente marcante na batalha de Buena Vista, ainda podem ser encontrados nos leitores da escola e seus versos estavam muito em voga. Revendo seu registro maçônico por um momento, vemos um homem nascido e educado na Nova Inglaterra, um pioneiro no sudoeste em seu período de fronteira, um soldado em duas guerras, um advogado sob cada um dos dois grandes sistemas do direito moderno, um juiz de um supremo tribunal e, ainda que em grande parte autodidata, um homem de aprendizado e cultura que, juntamente com um tratado sobre os princípios do direito romano que apresentavam imediatamente em sua profissão, poderia escrever versos de algum mérito e ocupar-se na tradução dos grandes livros de filosofia e religião orientais.

Mas o campo dos trabalhos mais frutíferos de Pike era a Maçonaria. Sua carreira como maçom ainda é muito recente e sua posição como um estudioso maçônico é muito conhecido por todos vocês que dispensam qualquer declaração neste momento. Mas devo lembrar que ele se tornou o Soberano Grande Comendador da jurisdição do sul do Rito Escocês em 1859 e dedicou os trinta e dois anos restantes de sua vida em medida cada vez maior para o trabalho desse rito. Exceto por Krause, nenhuma mente de igual calibre foi empregada nos problemas da Maçonaria. E Krause, grande estudioso e filósofo como ele, viveu apenas na serenidade culta das cidades universitárias alemãs, enquanto Pike havia vivido em Boston e no território turbulento do Arkansas, foi obrigado pela publicação de sua opinião a lutar em um duelo, havia travado duas guerras e comandado índios. Além disso, a experiência maçônica de Krause foi insignificante em comparação com a do veterano da Maçonaria Americana. Por conseguinte, não precisamos hesitar em pronunciar que Albert Pike foi de longe melhor qualificado por natureza, experiência de vida, experiência e aprendizado maçônico daqueles que pensaram nos problemas da filosofia maçônica.

## 2. Agora, quanto ao tempo.

Na parte inicial de sua carreira, Pike entrou em contato com a filosofia política do século dezoito que se tornou clássica no pensamento político americano porque era a filosofia dos autores de nossas constituições e declarações de direitos e entrou no quadro de nossas instituições em seu período formativo. Também nesta parte de sua carreira, em seu estudo de direito, ele entrou em contato com a filosofia jurídica do século XVIII como advogado americano comum. Na última parte de sua carreira, em seus amplos estudos filosóficos, ele foi colocado em contato com o método metafísico predominante do século XIX, com a concepção do Absoluto, que governava a escrita filosófica inglesa e com o método de unificar todas as coisas por referência a algum princípio absoluto básico que prevaleceu até o novo século. Nesse mesmo período, houve o aumento geral do materialismo na esteira da decadência do dogma e do avanço triunfante das ciências naturais, e isso afetou o movimento de seu pensamento a ponto de transformá-lo, como reação, no misticismo. De fato, um elemento místico é encontrado de maneira incomum em idealistas completos. Por exemplo, o líder da nova escola que se baseia na filosofia de Hegel foi reprovado por arrastar o misticismo para um assunto tão prosaico quanto a filosofia do direito. Mas os místicos são feitos pela natureza, e a natureza fez de Pike um dos maiores. Portanto, podemos estar confiantes de que a reação do materialismo apenas acentuou um elemento que, de qualquer forma, teria sido proeminente em seu pensamento e escrita. Cada um dos quatro pontos de contato com o pensamento americano no século XIX requer consideração neste momento.

A filosofia política americana na primeira metade do século XIX foi composta pela lei inglesa e especulação francesa. Antes da Revolução na Declaração de Direitos do Congresso Continental, os colonos confiaram na Common Law do direito inglês, como afirmado por advogados e juizes ingleses contra os reis Stuart no século XVII. Mas a Declaração de Independência se baseou nos direitos naturais do homem, um suposto corpo de direitos universais, eternos e inalienáveis deduzidos pela razão da natureza do homem em resumo. Sob a influência de pensadores ingleses do século XVII e da filosofia do direito continental

no período pós Grotius, os escritores franceses do século XVIII haviam desenvolvido essa teoria dos direitos naturais em alto grau, e foram profundamente lidos pelos fundadores do nosso governo. Mas eles também estavam lendo profundamente Blackstone e Coke, o oráculo da lei inglesa. Naturalmente eles combinaram a teoria geral dos especuladores franceses e os detalhes concretos dos advogados ingleses e chegaram a afirmar que o direito da Common Law inglesa encontrado em seus livros de direito eram os direitos naturais do homem encontrados na filosofia política francesa. Assim, em nossas declarações de direitos, eles estabeleceram seção por seção e promulgou-os em regras fixas e precisas sobre a autoridade desta última. Isso teve consequências importantes para a filosofia jurídica americana que Pike absorveu no período da formação de seu estudo para o Tribunal.

Nas disputas entre os juízes ingleses e os reis Stuart, os juízes haviam reivindicado ficar entre os direitos e liberdades individuais dos ingleses e a arbitrária ação opressora por parte da coroa. Quando assumimos a teoria do eterno, direitos naturais inalienáveis e combinados com a teoria dos advogados ingleses, o resultado foi uma doutrina que sustenta a lei e deve permanecer entre o indivíduo, por um lado, estado e sociedade, por outro lado, e que sua função é garantir a segurança do indivíduo em seus direitos naturais contra as agressões e opressões das organizações da sociedade. Essa ideia da função mediadora do direito, como uma reconciliação do indivíduo e o todo, que o advogado do século passado levou para o primeiro artigo de sua crença, deve ser visto nas palestras de Pike e prestou-se prontamente a sua generalização de equilíbrio ou equilíbrio como a Realidade Suprema. Pois se a lei era uma mediação, harmonização, reconciliação e o universo era governado por leis, o princípio fundamental do universo era a mediação ou harmonização que ele chamou equilíbrio.

Quando, em seus estudos posteriores, Pike encontrou o método metafísico do século XIX, foi fácil confirmar os pontos de vista com os quais seu conhecimento da filosofia política e jurídica clássica americana e sua leitura da filosofia francesa e os escritores maçônicos do século XVIII o levaram. Para a geração que Hegel procurou explicar o universo como a realização de uma ideia. A História foi o desenvolvimento dessa ideia na experiência humana. A filosofia era um lógico desdobramento da mesma ideia. Portanto, a busca era pela única ideia fundamental de que a ordem aparentemente complexa do mundo fenomenal era apenas uma manifestação. Portanto, a tarefa do filósofo era unir e reconciliar todas as diferenças no Absoluto que ele alcançou através dessa ideia. Traços da transição do direito político e analogia política a esse fundamento metafísico pode ser vista aqui e ali em partes de *Moral e Dogma* que, podemos suspeitar, permaneceram apesar de suas revisões repetidas e completas.

Nos seus estudos posteriores, Pike também foi obrigado a levar em conta o materialismo que manteve a cabeça tão alta e com *"uma boca falando grandes coisas"* cresceu com tanta confiança dogmática durante o último terço de sua vida. Se Pike, que era naturalmente místico, parece às vezes confiar mais na intuição do que na razão, colocar fé, que é auto-justificativa, no fundo do conhecimento, encontrar uma realidade no ocultismo e mostrar uma convicção da relação do símbolo com a coisa simbolizada, em contraste com a



metafísica rigorosa das instruções onde ele argumenta e demonstra em vez de profetizar, devemos considerar a impaciência de um idealista e místico com o universo mecânico dos positivistas e a ética econômica e a filosofia dos materialistas que uma nova geração esteve afirmando tudo sobre ele.

3. Voltemos agora à filosofia maçônica de Pike. Pike não nos deixou nenhum compêndio de suas visões filosóficas. Portanto, não podemos, como no caso de Oliver, aprendê-los de relance a partir de uma exposição concisa. O aluno da filosofia maçônica de Pike deve ler e estudar as páginas cheias de *Moral e Dogma*. Depois da leitura e reflexão, o sistema de filosofia exposto se fará sentir. Mas isso é bastante impossível para o leitor colocar o dedo nessa frase e dizer que aqui está a filosofia de Pike em uma casca de noz. A primeira coisa a ter em mente na leitura de *Moral e Dogma* é que devemos discriminar intimamente o que é realmente Pike e o que não é.

De fato, ele mesmo nos disse isso.

*"Ao preparar este trabalho, o Grande Comandante tratou igualmente de Autor e Compilador; desde que ele extraiu metade do seu conteúdo das obras dos melhores escritores e pensadores filosóficos ou eloqüentes. Talvez tivesse sido melhor e mais aceitável, se ele tivesse extraído mais e escrito menos."*

*"Ainda assim, talvez metade seja dele; e, incorporando aqui os pensamentos e palavras de outros, ele mudou e adicionou continuamente ao idioma, muitas vezes misturando, nas mesmas frases, suas próprias palavras com as deles".*

Em alguma medida, o autor é injusto consigo mesmo nesta afirmação. Em certo sentido, o livro é todo seu. Ele leu e digeriu tudo. Ele assimilou. Ele fez parte dele mesmo e trabalhou em seu sistema. Mas, por essa mesma razão, os textos de Pike e excertos de *Moral e Dogma* são mais do que usualmente enganosos. Podemos imputar quase qualquer ideia filosófica sobre ele, se procedermos dessa maneira. Podemos refutar quase toda página por qualquer outra página, se olharmos simplesmente para a superfície e não distinguir a matéria que ele está adaptando ou fazendo uso para ilustrar o desenvolvimento do pensamento sobre o assunto a partir de afirmações dogmáticas de sua filosofia. *Moral e Dogma* deve ser lido e interpretado como uma unidade. Como Immanuel Kant disse sobre seus próprios escritos, é um livro para pensar, não apenas para ler.

Três contribuições em primeiro momento para a ciência maçônica merecem destaque antes de abordar a filosofia da Maçonaria de Pike em detalhes. Em primeiro lugar, Pike foi o apóstolo da liberdade de interpretação. Ele insistiu em dizer que em sessão e fora da sessão que não há autoridade infalível, ex cathedra poderia vincular o maçom individual a isso ou a interpretação dos símbolos tradicionais do ofício. Ele ensinou que o indivíduo Maçom, em vez de receber uma Maçonaria pré-digerida, entregue a ele por outro deve fazer sua própria Maçonaria, estudando e refletindo sobre o trabalho e os símbolos. Assim, ele defendeu o desenvolvimento maçônico individual. Ele representava uma Maçonaria construída dentro de cada Maçom sozinho e por si mesmo com base na sólida convicção interna. Esse protestantismo maçônico, como bem poderia ser chamado, é especialmente

interessante em alguém que estava tão cheio de escritos franceses sobre a Maçonaria. Em segundo lugar, ele nos deu uma interpretação genuína dos símbolos que entrou na Maçonaria através dos filósofos herméticos. Hutchinson, Preston e mesmo Oliver, em muitos casos, não entendiam esses símbolos. De fato Preston estava muito menos interessado no que eles realmente eram do que em como eles poderiam ser feitos instrumentos de educação em seu tempo e lugar. Assim, Preston e Oliver deram explicações inadequadas e muitas vezes ignorantes dos símbolos antigos. Pike estudou sua história e desenvolvimento. Ele dominou seu espírito e percebeu seu lugar na evolução do pensamento humano. Por isso, ele foi capaz de substituir o simbolismo cru do final do século XVIII por uma ciência real dos símbolos maçônicos. Em terceiro lugar, ele não apenas interpretou nossos símbolos, mas também enriqueceu o simbolismo do ofício de um profundo conhecimento da literatura antiga e moderna do simbolismo e misticismo. Assim, ele nos fez perceber que a ciência dos símbolos maçônicos é apenas parte de um assunto muito mais amplo, que não é auto-suficiente e que o estudante Maçônico sério tem muito mais a estudar do que pode encontrar nas capas de uma biblioteca exclusivamente maçônica.

Não posso fazer mais do que lhe dar uma chave do que eu imagino ser a filosofia maçônica de Pike. Talvez o primeiro ponto a destacar seja que na América do século XIX a filosofia foi considerada, sob a influência de Herbert Spencer, como a unificação do conhecimento. Além disso, o método metafísico da primeira metade do século XIX, quando as idéias de Pike eram formatadas, tentavam explicar tudo por um *"caminho especulativo, metafísico, de um princípio espiritual e lógico"*. Mas aconteceu que toda a antiguidade estava fazendo uma busca semelhante pelo *Um*, mas por um tipo diferente um. Os filósofos gregos antigos buscavam um elemento único para o qual todo universo pudesse ser reduzido. Os filósofos jônicos procuraram encontrar tais elementos no ar, fogo, água ou como um deles denominou *"um lodo primordial"*. Pensadores orientais geralmente procuravam uma palavra absoluta que deveria ser a chave de todas as coisas. Outros, entre os antigos, buscavam um princípio absoluto. Com vasto trabalho, Pike traz junto tudo o que os povos antigos e orientais e místicos pensaram e escreveram e desde então pensamos e escrevemos com as idéias do Oriente e da antiguidade com base e é sobre esse fundamento que ele propõe a elaborar um sistema próprio.

Pike começa com uma tríade. Isso é sugerido pela concepção antiga do número três como o símbolo da conclusão ou perfeição. O singular, o dual e o plural, o ímpar e o par somados eram considerados um sistema completo de números. Daí o número três era a perfeição em sua forma mais simples; era o tipo ou o símbolo da perfeição. Ele encontra uma tríade em todo lugar no pensamento antigo e em todo sistema do oculto e em toda filosofia mística. Ele o encontra também em todo simbolismo maçônico e de ponta a ponta em nossas instruções. Por conseguinte, ele procura mostrar que, no essencial, essa tríade é sempre e em todas as suas formas a mesma tríade. Sabedoria, força e beleza; inteligência, força e harmonia; razão, vontade e ação; moral, lei e ordem social; fé, esperança e caridade; igualdade, liberdade e fraternidade, tudo isso ele mostra é a mesma tríade em várias formas. Existe um princípio passivo frutífero que é energizado e feito produtivo por um princípio ativo e criativo e existe um produto. Como ele mostra, Osíris, Ísis e Hórus simbolizam isso para os egípcios e ele traça a mesma redução do universo a estes

fundamentos através de todo tipo de mistério antigo e toda especulação mística. Em *Moral e Dogma*, ele faz todo tipo de aplicação dessa ideia à política, à moral e à religião. Ele carrega em todo tipo de humana atividade espiritual e dá as ilustrações mais copiosas e aprendidas.

Mas isso por si só seria estéril e terminaria em pluralismo. Assim, ele entende que essas três coisas são emanções, ou melhor, são manifestações do Absoluto. Essa ideia novamente ele sujeita ao teste de aplicação a tudo o que foi pensado e escrito pelos místicos até o seu tempo. Nós encontramos uma unidade no Absoluto. Mas como unificamos a variedade, as infinitas manifestações do Absoluto em nossa experiência? Existe aqui algum princípio? Pike diz que existe e que esse princípio unificador é a balança ou equilíbrio. O resultado da ação de energia criativa e ativa e receptividade produtiva e passiva é, no final, uma harmonia, uma balança, um equilíbrio. Ele então aplica essa ideia de equilíbrio a todos os campos de pensamento. Um exemplo será suficiente.

*"É o segredo do equilíbrio universal: "... o equilíbrio da Divindade, entre a Sabedoria Divina Infinita e o Poder Divino Infinito, do qual resultam a estabilidade do universo, a imutabilidade da lei divina e os Princípios de verdade, justiça e direito que fazem parte dela; ..."*

*"Desse equilíbrio, entre a Infinita Justiça Divina e a Infinita Misericórdia Divina, cujo resultado é a Equidade Infinita Divina e a Harmonia Moral ou a Beleza do Universo. Por ele, a resistência de naturezas criadas e imperfeitas na presença de uma Deidade Perfeita é possível;"*

*"Desse equilíbrio entre necessidade e liberdade, entre a ação da Onipotência Divina e o livre arbítrio do homem, através dos quais os vícios e ações básicas, pensamentos e palavras não generosos são crimes e injustiças, justamente punidos pela lei da causa e consequência, embora nada no Universo possa acontecer ou ser feito contrário à vontade de Deus; e sem a qual coexistência de liberdade e necessidade, de livre arbítrio na criatura e onipotência no criador, não poderia haver religião, nem qualquer lei de certo e errado, ou mérito e demérito, nem qualquer justiça em punições ou leis penais."*

*"Esse equilíbrio entre o bem e o mal, e a luz e as trevas do mundo, que nos assegura que tudo é obra da Sabedoria Infinita e de um Amor Infinito; e que não há demônio rebelde e maligno, ou princípio das trevas coexistente e em eterna controvérsia com Deus, ou o Princípio da Luz e do Bem: alcançando o conhecimento de qual equilíbrio podemos, através da fé, ver que a existência do mal, do pecado, do sofrimento e da tristeza no mundo são consistentes com a bondade infinita assim como a infinita sabedoria do Todo-Poderoso."*

*"Simpatia e antipatia, atração e repulsão, cada força da natureza, são contrárias, nas almas dos homens e na esferas do universo e dos mundos; e da ação e oposição de cada um contra o outro, resultam em harmonia e esse movimento que é a vida do universo e da alma" ...*

*"Desse equilíbrio entre autoridade e ação individual que constituem os Governos livres, estabelecendo fundações imutáveis Liberdade com Obediência à Lei, Igualdade com*

*sujeição à Autoridade e Fraternidade com subordinação até dos mais sábios e o Melhor: e desse Equilíbrio entre a Energia Ativa da Vontade Presente, expresso pelo Voto do Povo, e pela Estabilidade Passiva e Permanência da Vontade do Passado, expressa em constituições de governo, escrita ou não escritas, e nas leis e costumes, acinzentados com a idade e santificados pelo tempo, conforme precedentes e autoridade;”*

*“E, finalmente, desse Equilíbrio, possível em nós mesmos, no qual a Maçonaria trabalha incessantemente para realizar em seus Iniciados, e exige de seus Adeptos e Príncipes (mais indigno de seus títulos), entre o Espiritual e Divino e o Material e Humano no homem; entre o intelecto, a razão e o senso moral de um lado, e os apetites e paixões, por outro, dos quais resultam a harmonia e a beleza de uma vida bem regulada.”*”

Bem, em posse de nossa ideia de equilíbrio e o profano diríamos: O que é isso? Pike responderia que esse princípio unificador universal é a luz da qual todos os homens há eras estão em busca, a luz que buscamos como maçons. Por isso, temos nossas respostas para os problemas fundamentais da filosofia maçônica.

1. Qual é o fim da Maçonaria? Qual é o propósito para o qual existe? Pike responderia que o fim imediato é a busca da luz. Mas a luz significa aqui a obtenção do princípio fundamental do universo e trazer nós mesmos para a harmonia, a unidade suprema que sozinha é real. Portanto, o fim último é levar-nos ao Absoluto, interpretado por nosso credo individual, se quisermos, mas reconhecido no final como a unidade na qual todas as coisas se fundem e com a qual no final todas as coisas devem concordar. Você verá aqui imediatamente uma versão puramente filosófica do que, com Oliver, foi puramente religiosa.

2. Qual é a relação da Maçonaria com outras instituições humanas e particularmente com o estado e a religião? Ele responderia que procura interpretá-los, fazê-los mais vitais, para torná-los mais eficazes para seus propósitos, mostrando a realidade última da qual são manifestações. Nos ensina que existe apenas um Absoluto e que tudo menos que o Absoluto é relativo; é apenas uma manifestação, de modo que credos e dogmas, políticos ou religiosos, são apenas interpretações. Isso nos ensina a fazer nossa própria interpretação. Nos ensina a salvar a nós mesmos, encontrar para nós mesmos o princípio final pelo qual chegaremos ao real. Em outras palavras, é a instituição universal da qual outras instituições espirituais, morais e sociais são fases locais e temporárias.

3. Como a Maçonaria procura alcançar esses fins? Ele diria por um sistema de alegorias e símbolos transmitidos da antiguidade que devemos estudar e sobre quais devemos refletir até que eles revelem a luz para cada um de nós individualmente. A Maçonaria preserva esses símbolos e encena essas alegorias para nós. Mas a responsabilidade de alcançar o real através deles depende de cada um de nós. Cada um de nós tem o dever de usar esta maravilhosa herança da antiguidade para si. A Maçonaria na visão de Pike não oferece comida pré-digerida. Oferece-nos um alimento saudável que devemos digerir por nós mesmos. Mas que festa! É nada menos que toda a história da busca humana pela realidade. E através dela ele concebe, através do seu domínio, que devemos dominar o universo.

## Uma Filosofia Maçônica para o século XX

Há muito superamos a noção de que a Maçonaria deve ser mantida com um propósito ou um objeto ou deve ser cercada pelos limites de uma filosofia. Se somos ensinados verdadeiramente que o teto da oficina do maçom nada mais é do que o *"dossel nublado ou céus estrelados,"* nada do que se passa por baixo dessa cobertura espaçosa pode ser totalmente estranho para nós. Nossa fraternidade deve ser de todos os homens e para todos os homens; é para ser de todos os tempos e para todos os tempos. As necessidades de um e de ninguém podem circunscrever seus objetos. A filosofia de nenhum, de ninguém e muito menos de um homem, pode ser admitida como sua autoridade final. Portanto, não é uma censura à Maçonaria juntamente com lições e princípios de todos os tempos, uma lição especial e um princípio especial para cada vez, o que não deve ser insistindo em outros momentos. Afinal, a verdade é relativa. As verdades vitais de uma época não podem ser colocadas em cápsulas ou comprimidos para serem administradas por todo tempo por vir. Se o ofício for perpétuo, ele deve apelar a cada momento e também a todas as vezes; deve ter em suas tradições algo que hoje possa ser usado, embora ontem não pôde usá-lo e amanhã não precise. Somos um ofício de trabalhadores. Esta é a nossa glória por estarmos engajados em serviços úteis. Nossos ritos e usos não são apenas um orgulho possuído para ser apreciado por sua beleza e antiguidade. Eles são instrumentos que nos foram dados para serem usados. Portanto, podemos perguntar adequadamente, o que podemos fazer dessa maravilhosa tradição da qual somos os guardiões que servirão ao mundo de hoje?

Na verdade, é precipitado quem ensaie uma filosofia da Maçonaria após mestres como **Preston, Krause, Oliver e Pike**. Mas tentei mostrar até agora quão amplamente suas filosofias da Maçonaria cresceram com o tempo e a situação filosófica no momento em que eles pensaram e escreveram. Assim, **Preston** escreveu na chamada *"era da razão"*, quando o conhecimento deveria ser a única coisa necessária. **Krause** escreveu a filosofia moral, assim chamada, era uma das principais preocupações na Alemanha, e ele era principalmente um líder na filosofia do direito. **Oliver** escreveu sob a influência do romantismo na Inglaterra, numa época em que o idealismo alemão estava entrando no pensamento inglês. **Pike** escreveu sob a influência da reação do materialismo da última metade do século XIX e sob a influência da metafísica do século XIX o método de unificar todas as coisas por referência a algum princípio absoluto básico.

Do mesmo modo, a filosofia atual da Maçonaria se relaciona necessariamente com os modos de pensamento atuais e à situação atual da filosofia. Consequentemente podemos prever que ele terá quatro características.

1. Seu credo metafísico será idealista-monístico, ou pragmatista-pluralista. Embora minhas simpatias pessoais sejam com esta última visão, de modo que eu deveria me concentrar com Preston e Krause, e não com Oliver e Pike, suspeito que nosso filósofo maçônico do século XX irá aderir ao primeiro. Ele provavelmente sustentará, para citar Paulsen, que essa *"realidade, representada em nossos sentidos pelo mundo corporal como um sistema uniforme de movimentos, é a manifestação de uma vida espiritual universal que deve ser concebida como uma idéia, como o desenvolvimento de uma razão unitária, uma razão que*

*transcende infinitamente nossas noções.*" provavelmente se misturar com Oliver e Pike. Mas ele vai se desesperar em compreender por essa razão, através do conhecimento ou da tradição ou de expressá-lo completamente a única palavra. E assim, se por acaso ele for um pragmático, o resultado não será muito diferente, uma vez que a filosofia da Maçonaria faz parte da filosofia aplicada e os resultados contam mais do que o método exato de atingi-los. Além disso, nas três seguintes características, idealista e pragmatista concordam, apenas chegando aos mesmos resultados por rotas diferentes.

2. Sua psicologia será voluntarista e não intelectualista; isto é, sob a influência da biologia moderna, insistirá em dar um lugar principal à vontade. Terá fé na eficácia do esforço humano consciente.

3. O que é mais importante para o nosso propósito, seu ponto de vista será teleológico. Para citar Paulsen mais uma vez: *"Ética e sociologia, jurisprudência e política são sobre abandonar o antigo tratamento formalista e empregar o método teleológico: propósito governa a vida, daí a ciência da vida, tanto o indivíduo quanto a vida coletiva, deve empregar esse princípio "*. Em outras palavras, como já havia sido dito anteriormente, a filosofia da Maçonaria será tratada como parte da prática e não da pura filosofia.

4. Terá suas raízes na história. Esta é a marca distintiva do moderno pensamento filosófico. As filosofias mais antigas conceberam a realidade nos moldes da matemática e das ciências físicas. Hoje nos esforçamos para interpretar a natureza historicamente. Como diz Paulsen, tentamos interpretá-lo *"de acordo com um esquema lógico genético"*.

Tais são as linhas que a filosofia moderna está seguindo e, assim, podemos estar confiantes, são as linhas que a filosofia da Maçonaria seguirá, a menos que, de fato, algum filósofo do calibre de Krause, capaz de encontrar novos caminhos na filosofia em geral, se ocupe com esse campo especial. Podemos construir uma filosofia da Maçonaria que se adeque a essas linhas? Na tentativa de responder a essa pergunta, deve-se estabelecer três princípios fundamentais desde o início: (1) devemos não ser dogmáticos. Devemos lembrar que nosso ideal é o ideal de uma época, para servir as necessidades de tempo e lugar. (2) No entanto, devemos procurar um fim. Nós devemos ter diante de nós a ideia de propósito, uma vez que estamos no domínio da filosofia prática. (3) Devemos basear nossa concepção do ideal de nossa época maçônica e nossa ideia de propósito sobre a história das instituições. Assim, temos três modos de abordagem para o nosso assunto imediato.

1. Vamos primeiro recorrer às filosofias atuais e perguntar o que elas podem fazer por nós. Até que ponto podemos construir sobre alguma ou sobre todas elas? O que a Maçonaria exige que elas podem ou não podem dar?

O mais antigo e talvez o mais autoritário sistema de filosofia atual hoje é o idealismo absoluto, de muitas formas, de fato, mas com uma unidade essencial reconhecível, esta filosofia coloca a vida em um mundo de pensamento. Ela pensa no mundo da experiência que percebemos através dos nossos sentidos como aparência. A realidade está no mundo do pensamento. Mas estes não são dois mundos distintos. Pelo contrário, eles estão relacionados como causa e efeito, pois que anima e aquilo que é animado. Ele considera

Deus, não como um poder fora do mundo e transcendente, mas como aquilo que o permeia, o conecta e dá unidade. Considera a realidade como um todo conectado, unificado e concebe que a vida é real na medida em que faz parte desse todo. Por isso, ele concebe que devemos nos virar firmemente e corajosamente do domínio superficial da aparência em que nossos sentidos nos colocam, e nos colocamos "nas profundezas da realidade"; devemos nos relacionar com o todo e nos desenvolver de dentro para alcançar o todo. Para usar a frase de Eucken, cada vida é *"evoluir uma moralidade no sentido de absorver o todo em própria vontade "e sujeitar" o capricho à necessidade das coisas "*, isto é, à sua interligação interna necessária. Nesta teoria da vida, o ponto central da atividade criativa é espiritual. Todo o resto não é senão o meio ambiente, os meios ou a lógica pressuposta. O homem deve ser elevado acima de si mesmo e deve ser salvo pela criação.

Essa filosofia de estudiosos e para estudiosos não é uma filosofia para os maçons. De fato, Pike disse sobre seu sistema idealista de filosofia maçônica que ele não era a Maçonaria da multidão. E por essa mesma razão que é essencialmente aristocrática, a velha filosofia idealista está lutando contra um retiro seguro, embora obstinado, em nossa era democrática. Existem períodos de energia criativa no mundo e há períodos em que tudo foi criado, organizado e assimilado. Nos períodos de criação, aqueles a quem o poder criativo espiritual é dado são relativamente poucos. Em um período de assimilação eles são realmente poucos. Nesse tempo, para citar Eucken, a vida retratada pelo idealista "tende a se tornar mera imaginação". "O homem imbuído de seu espírito ... facilmente parece para si mesmo mais do que ele é; com uma falsa auto-consciência ele fala e se sente como se estivesse em uma altura suprema; vive menos a própria vida do que a alienígena. Cedo ou tarde a oposição deve necessariamente surgir contra uma meia-vida, uma vida de fingimento, e essa oposição se tornará especialmente forte se for animada pelo desejo de que todos os portadores de características humanas devam participar dos principais bens de nossa existência e cooperar livremente nas tarefas mais altas... E assim o caráter aristocrático do idealismo imanente produz um tipo de vida rigidamente exclusiva, dura e intolerável".

Outro tipo de filosofia, que se tornou cada vez mais atual com o avanço da ciência, foi chamado Naturalismo. Essa filosofia rejeita a vida espiritual inteiramente, negando sua independência e mantendo-a como apenas uma fase ou um incidente da existência revelada pelos sentidos. Não há esfera espiritual. Por si só, o espiritual não pode criar nada. A vida também não é nada em si. Todas as coisas são valorizadas em termos da biologia e da economia. Nada é intrinsecamente valioso. A verdade significa somente ajuste correto ao meio ambiente; o bem é o que melhor preserva a vida; a moral é aquilo que contribui para a vida social; o belo é uma forma útil. A auto preservação é a verdadeira inspiração da conduta. Não preciso argumentar que isso não é uma filosofia para os maçons, que têm fé em Deus como um de seus landmarks. Para uma filosofia consistentemente naturalista, não podemos ser maçons. Se houver algum teste para um Maçom, é um teste totalmente incompatível com essa rejeição do espiritual.

Intimamente ligada ao naturalismo há uma variedade de filosofias sociais que passaram a estar em voga e uma dessas formas, o socialismo, deu origem a uma propaganda ativa de fervor quase religioso. Essas filosofias rejeitam o indivíduo e, portanto, a vida espiritual

individual. Na medida em que a vontade individual é considerada é por causa de um interesse social na vida social individual. Como política social ou Filosofia, alguns desses sistemas têm um valor muito grande. Mas quando eles se expandem em sistemas universais de bem-estar material na sociedade, e terminam na filosofia política, com finalidade única o da vida individual, quando rejeitam a independência espiritual do indivíduo, tornando "o julgamento da sociedade o teste da verdade" e espera que ele submete seus pontos de vista do bem e do mal ao arbítrio de uma mão, quando ignoram a criação individual e pensam apenas em distribuir, eles vão contra os landmarks maçônicos, para que não possamos aceitá-los e continuar a ser maçons. Pois sustentamos como maçons que há uma parte espiritual do homem. Nós sustentamos isso, o indivíduo deve construir dentro de si um edifício moral e espiritual por meio do trabalho, para não receber alguém pronto por um referendo ao julgamento da sociedade. Me compreenda. Não afirmo que as filosofias sociais modernas sejam expulsas totalmente. Na lei, na política, nas ciências sociais, algumas delas estão conseguindo grandes feitos. Mas devemos pensar nelas como aplicações, não como sistemas universais. O problema da vida individual e demandas da vida espiritual, que elas ignoram, são assuntos de preocupação vital para o Maçom, e ele pede uma filosofia seja contrária a essa. Para citar Eucken mais uma vez, não podemos concordar que o "mundo dos sentidos é o único mundo do homem" nem podemos "encontrar a vida inteiramente na relação com o ambiente, seja a natureza ou a sociedade".

Como reação às filosofias naturalistas e sociais, um movimento moderno surgiu e foi chamado individualismo estético. É claramente uma obra literária e movimento artístico e por isso mesmo ignora a massa da humanidade e cai aquém do nosso requisito básico de universalidade maçônica. Mas exige um momento de consideração como um dos modos significativos do pensamento moderno. No individualismo estético, como nos dizem, "o centro da vida é transferido para o tecido interno da autoconsciência". Com o desenvolvimento dessa autoconsciência, a vida parece ser colocada inteiramente em seus próprios recursos e direcionado a si próprio. Através de toda mudança de circunstâncias e condições permanecem inalteradas; em toda a infinidade daquilo que acontece, parece ser supremo. Toda manifestação externa é valiosa para ela como um desdobramento de seu próprio ser; nunca experimente coisas, mas somente a si mesmo". O individualista estético tem como fim "fazer todas as relações e todos os aspectos externos da vida tão individual quanto possível." Ele não deve sacrificar o presente para o futuro; ele deve rejeitar tudo o que sujeita o desenvolvimento da vida a padrões universais; ele deve ignorar todas as convenções que encaixam os homens na ordem social e, em vez disso, cultivar uma relação livre de indivíduo para indivíduo. Para aqueles que aceitam essa doutrina, o que geralmente é chamado de moralidade é considerado apenas um estatuto da comunidade, um meio pelo qual ele procura roubar o individualismo, o seu fim é "fazer todas as relações e todo o individual". Essa filosofia de artistas para artistas é palpavelmente impossível demais

para o filósofo Maçom exigir uma discussão mais aprofundada.

Se passarmos dessas teorias modernas decepcionantes para sistemas de filosofia aplicada, podemos fazer melhor. Aqui, os idealistas têm um programa mais proveitoso. Hegel considerava todas as coisas como o desdobramento de uma ideia, lógica ou experiência, os seguidores recentes de Hegel, que são a força mais ativa nos últimos anos da filosofia



social, dizem que todas as instituições sociais, políticas e jurídicas são manifestações da civilização. Para eles, a ideia que está se desenvolvendo em todas as coisas humanas não é um princípio metafísico único; é a ideia complexa da civilização humana. Nossas instituições são resultantes da civilização do passado e de tentativas de adaptação delas de como nós as recebemos, para a civilização do presente. Nossa tarefa como membros da sociedade é promover a civilização, exercendo-nos consciente e inteligentemente para esse fim. Todo homem pode fazer isso em alguma medida em seu tempo e lugar. Então todo homem pode, se ele quiser, retardar ou obstruir a civilização em algum grau em seu tempo e lugar. Mas pelo fato de ele ser um homem e, como tal, um fator na sociedade, na verdade ou potencialmente, ele é encarregado de se esforçar para manter e avançar civilização, da qual, como ideia última, a sociedade é um mero agente. Tanto quanto podemos, devemos cada um de nós descobrir os princípios que são pressupostos pela civilização de hoje e devemos nos esforçar conscientemente para moldar as instituições e regular a conduta por meio disso. A coisa universal, a realidade é a civilização entre os homens. Parafraseando uma fórmula bem conhecida, Deus é o eterno, não a nós mesmos, que contribuí para civilização. Aqui, então, temos um sistema moderno que comporta os fundamentos da Maçonaria e com nossas demandas filosóficas. Reconhece o lado espiritual do homem como algo que a civilização pressupõe e desenvolve. Tem um Deus. Isto não é para uma aristocracia acadêmica ou artística. É de e para todos os homens como participantes e, se forem, agentes de uma cultura humana universal. Além disso, atende ao nosso primeiro requerimento. Não é dogmático. Reconhece que a civilização é algo que está constantemente avançando e, portanto, está mudando. Percebe que a civilização, por essa razão, é uma questão de tempo e lugar e, portanto, que os princípios que pressupõe a qualquer hora e lugar que levamos para nossos ideais são ideais de uma época e princípios para atender às necessidades de tempo e local. E, no entanto, todos esses estágios são formas transitórias de cultura que se fundem de uma maneira geral e uma civilização humana em constante crescimento, que é a realidade em nós mesmos e fora de nós mesmos.

2. Novamente, o novo idealismo da filosofia prática atende ao nosso segundo requisito. Embora seus seguidores reconheçam que não têm fórmula absoluta para todos os tempos, para todos os lugares, para todos os povos, eles têm um fim, eles colocam diante de nós um propósito. Cada um de nós e todos nós devemos contribuir para a civilização humana. Cada um de nós se desenvolvendo como um civilizado, no sentido real, como um homem culto de acordo com suas luzes e suas circunstâncias podem encontrar a realidade em si e podem aproximar os outros e todo o mundo da realidade pela qual estamos consciente ou inconscientemente lutando, a civilização da humanidade. O conhecimento que Preston procurava avançar, a perfeição do homem que Krause pretendia, a relação com Deus que Oliver procurava alcançar e a harmonia e, através dela, o controle do universo que Pike levou para o objetivo, pode muito bem ser considerado como fases e resumidas na única idéia da civilização humana.

3. Até que ponto esse novo idealismo, ou como seus seguidores o chamam, esse neo-hegelianismo, cumpre nossa terceira exigência? Tem uma base sólida na história das instituições humanas em geral e na história de nossa instituição em particular? Aqui pelo menos o neo-idealista maçônico está em terreno seguro.

Antropólogos e sociólogos nos mostraram que ao lado da família, que de fato é anterior a sociedade, a mais primitiva e mais universal das instituições sociais é a associação de homens adultos em uma sociedade secreta. a mais simples e mais antiga das instituições sociais do homem é a "casa dos homens", uma casa separada para os homens da tribo que tem algumas analogias entre os povos civilizados da antiguidade, por exemplo a refeição comum dos cidadãos em Esparta, a assembléia dos homens na ágora em uma antiga Comunidade grega e a reunião dos cidadãos romanos em assembléia política na antiga cidade romana. Esta casa de homens de uma tribo primitiva é o centro da vida da sociedade. Aqui os pertences mais preciosos da comunidade, seus emblemas religiosos e seus troféus conquistados em guerra são preservados. Aqui os jovens da tribo se reúnem como um sinal visível de sua separação de suas famílias e de sua entrada nos deveres e responsabilidades da vida tribal. Aqui os anciãos e líderes têm assentos de acordo com sua dignidade e importância. Mulheres e crianças não podem entrar; é a casa dos homens crescidos. Essa instituição primitiva, amplamente difundida, se desenvolve de maneiras diferentes. Resultou em praticamente quartéis para os combatentes da comunidade, como em Esparta e entre alguns povos primitivos hoje. As vezes torna-se um centro religioso e, finalmente, em substância, um templo. Geralmente torna-se o centro de outra etapa do desenvolvimento social, isto é, do que os antropólogos chamam "as cerimônias de iniciação da puberdade" e daí ainda mais uma etapa, a primitiva sociedade secreta. E à medida que essas sociedades se desenvolvem, substituindo a puberdade tribal por iniciações, a casa dos homens, como sede dessas organizações, torna-se a apresentação ao segredo. Portanto, nesta mais antiga das instituições sociais, em vez de nas colinas mais altas e nos vales mais baixos citados em nossas instruções, podemos encontrar a primeira Maçonaria.

É um instinto natural, dizem os sociólogos, que leva homens da mesma idade, que têm os mesmos interesses e deveres, agrupar-se em conformidade e separar até certo ponto de outros grupos. Em obediência a esse instinto, somos informados que quatro classes dos membros masculinos de uma tribo se desencadeiam: (1) Os meninos que ainda não chegaram à puberdade; (2) jovens solteiros; (3) homens maduros nos quais os os deveres e responsabilidades dos homens da tribo descansam e (4) os homens idosos, os repositórios da sabedoria e os diretores da comunidade. Na conquista da puberdade, o menino é levado para a casa dos homens e é iniciado na masculinidade. No devido tempo, ele torna-se membro da tribo e guerreiro. Com o tempo, seu próprio filho mais velho alcançou a masculinidade e o pai se tornou ancião, aposentado do serviço ativo. Assim os homens da tribo tornam-se em substância uma associação secreta dividida em dois ou três graus ou classes das quais, nos é dito, como desenvolvimento posterior, aumentam os graus das sociedades secretas primitivas. Para a passagem de uma dessas classes para outra quase universalmente entre os povos primitivos é acompanhado por cerimônias iniciáticas secretas, e entre quase todos os povos primitivos, as cerimônias iniciáticas da puberdade são os eventos mais solene e importante na vida de um homem. Geralmente eles são mais ou menos dramáticos. Eles começam com algum tipo de provação. Muitas vezes há um movimento simbólico da morte para a vida para mostrar que a criança está morta e que um homem ressuscitou em seu lugar. Frequentemente uma grande quantidade de simbolismo é empregada e segue-se algo muito parecido com uma palestra, explicando a cerimônia.

Sempre envolvem uma instrução impressionante na ciência e na moralidade da tribo e uma impressionante inculcação de obediência.

Com o tempo, essas cerimônias iniciáticas se degeneraram ou se desenvolvem, conforme o caso, em sociedades secretas tribais, puras e simples, e com o progresso da civilização e do surgimento de sistemas políticos e religiosos, essas sociedades também decaem ou perdem seu caráter. Assim, eventualmente, fora dessa instituição primitiva da casa dos homens, que de um lado cresceu em organização política, por outro lado, através da cerimônias iniciáticas, nada menos que seis instituições são desenvolvidas entre diferentes povos. Primeiro existem sociedades secretas políticas, mágicas e mais ou menos fraudulentas, que são extremamente comuns na África nesses tempos. Segundo, há cerimônias de clãs, tornando-se cerimônias de estado e religiões de estado. A antiguidade é abundante em exemplos da importância que os homens atribuem a essas cerimônias. Por exemplo, o ditador Fabius, em um momento crítico da campanha contra Aníbal, deixou ordens ao exército para reparar um local apropriado e realizar os sacrifícios, sendo este seu dever como chefe de clã. Terceiro, existem sociedades religiosas, com cerimônias elaboradas para a recepção do noviço. Tais sociedades existem no Tibete e entre os hindus em formas impressionantes. Quarto, há os mistérios da antiguidade, por exemplo, os egípcios e os elusinos, ou às vezes uma mistura do terceiro e quarto, como no caso dos essênios. Quinto, são sociedades comerciais no modelo fraterno, como as faculdades romanas e as guildas operativas. Finalmente, existem associações puramente beneficentes, como a sociedade funerária romana. Note-se que cada uma delas desenvolve ou preserva alguns aspectos da sociedade secreta tribal primitiva. As sociedades políticas e mágicas desenvolvem ou preservam suas tradições políticas e mágicas; as cerimônias de clã, tem função de promover a solidariedade pelo culto aos antepassados; sociedades religiosas, sua moral e funções religiosas; os mistérios, sua instrução simbólica; as sociedades comerciais, sua função de instrução no conhecimento útil; sociedades de caridade, tem a função de vincular os homens a tarefas de socorro e assistência mútua. Todos preservam a memória de sua origem em uma tribo de parentes pela ficção de irmandade que eles esforçaram-se para tornar real ensinando e praticando. A relação da Maçonaria com esse desenvolvimento das sociedades fora das casas dos homens primitivos, como descrito por estudiosos não-maçônicos, sem pensar em Maçonaria, é tão óbvia, que não podemos mais rir das tentativas ambiciosas de Oliver de encontrar a Maçonaria no começo das coisas. Mas, além de sua influência na história maçônica, essa descoberta dos antropólogos é significativa para a filosofia maçônica. Pois nesta mesma casa dos homens são os germes da civilização; o desenvolvimento da casa dos homens é um desenvolvimento da civilização, e seu fim e propósito e o fim e propósito de todas as instituições legítimas que dela cresceram foram desde o início, e ainda o são, preservar, promover e distribuir a civilização da tribo ou povo. Na nossa sociedade universal, o fim é, e enquanto estudamos nossas **Old Charges** e nossas instruções, e sempre foi, preservar, aprofundar e entregar uma civilização humana universal.

Assim, estamos capacitados a responder aos três problemas da filosofia maçônica.

1. Qual é o propósito da Maçonaria; para o que existimos como organização? A resposta do neo idealista maçônico seria que nosso fim em comum com todas as instituições é

preservar, desenvolver e transmitir à posteridade a civilização forjada por nossos pais e transmitida a nós.

2. Qual é o lugar da Maçonaria em um esquema racional da atividade humana? Qual é a sua relação com outras atividades afins? A resposta seria que é uma organização de esforço humano ao longo das linhas universais com as quais todos podem concordar para realizar nossa fé na eficácia do esforço consciente em preservar e promover a civilização. O que outras organizações humanas seguem linhas de casta ou credo ou dentro de políticas ou limites territoriais dificultados pelos limites do sentimento político ou do preconceito local, buscamos alcançar pela universalidade, organizando os elementos universais no homem que contribuem para a cultura e civilização.

3. Como a Maçonaria atinge seu fim? Nossa resposta seria que faz para civilização por sua insistência na solidariedade da humanidade, por sua insistência em universalidade e pela preservação e transmissão de uma tradição imemorial da solidariedade humana e universalidade. Assim concebida, essa tradição se torna uma força de primeiro momento em manter e avançar a civilização. E assim nós por um lado, nos conectamos aos sistemas práticos de Preston e Krause. O ideal do século XVIII era o conhecimento. O ideal do século XIX era a moral individual. O ideal do século XX, no meu entender, é a vida humana universal. Mas o que é isso, o que significa para o avanço da cultura da humanidade? E por outro lado, nos conectamos também com Oliver e com Pike. Eles eram idealistas e nós também. Somente eles buscavam uma ideia simples e estática da qual o universo era uma manifestação ou um desdobramento. Nos voltamos para uma complexa idéia crescente e pretendemos fazer nada mais do que interpretá-la em termos dos ideais da hora e lugar.

Meus irmãos, nós de todos os homens, devemos isso a nós mesmos e ao mundo, para sermos universais em espírito. A universalidade é uma lição que o mundo inteiro está aprendendo e deve aprender. Mas nós já deveríamos conhecê-la bem. Deveríamos estar no banco da frente da escola do mundo, dando um exemplo aos nossos colegas mais atrasados. Onde quer que no mundo exista uma loja de maçons, deve haver um foco de civilização, um centro da idéia de universalidade, irradiando razões para reprimir o preconceito e promover a justiça nas disputas dos povos, e nas disputas de classes, e promovendo a paz, a harmonia e a civilização que devem prevalecer nesta grande loja do mundo. Além disso, a ideia de universalidade tem uma mensagem especial ao maçom para o bem da Maçonaria. Toda organização mundial até agora foi destruída em última análise pelo próprio dogmatismo. Tomou os dogmas, as interpretações, a filosofia de sua juventude por uma ordem fixa da natureza. Assumiu que a universalidade consistia em forçar esses dogmas, essas interpretações, essa filosofia em todos os tempos vindouros. Enquanto ela descansou serena nos sulcos feitos por sua própria prosperidade, o mundo marchou por ela despercebido. Temos um glorioso corpo de tradição que nos foi transmitido do passado, que devemos transmitir sem problemas ao futuro. Mas vamos entender o que é fundamental e eterno, e o que é mera interpretação para torná-lo útil ao passado. Vamos usá-lo, enquanto o temos, para servi-lo até o presente. No entanto, vamos fixar nela nada que sirva bem o suficiente para torná-la útil hoje, mas que possa torná-la inútil amanhã. Enquanto o aprendiz fica no canto da loja, as ferramentas de trabalho são colocadas em suas mãos e ele ensina seus usos. Mas elas não são dele. Elas são as ferramentas da loja. Ele deve usá-las para

que o Venerável Mestre possa ter prazer e o lucro do ofício. O Grão-Mestre do Universo confiou a nós os princípios da Maçonaria como ferramentas de trabalho. Eles também não são nossos, pertencem a uma loja do mundo. Devemos usá-los para que Ele tenha prazer no Ofício e a humanidade que trabalha nesta vasta loja do mundo possa lucrar com isso.

*Traduzido pelo Ir Danilo Caliman Jimenez, Past Master da Loja Templários do Real Segredo nº 289 do Oriente de Varginha, jurisdicionada junto ao Grande Oriente de Minas Gerais GOMG.*